



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Daniel Vítor Gomes de Sousa

**Evidências de Validade da Escala de Pensamentos Automáticos em
Jogadores de Futebol**

Rio de Janeiro

2021

Daniel Vítor Gomes de Sousa

Evidências de Validade da Escala de Pensamentos Automáticos em Jogadores de Futebol

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Angela Josefina Donato Oliva

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S725	Sousa, Daniel Vítor Gomes de Evidências de Validade da Escala de Pensamentos Automáticos em Jogadores de Futebol / Daniel Vítor Gomes de Sousa. – 2021. 124 f.
------	--

Orientadora: Angela Donato Oliva.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Psicologia.

1. Psicologia social – Teses. 2. Psicologia cognitiva – Teses. 3. Futebol – Teses. I. Oliva, Angela Donato. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

br

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Daniel Vítor Gomes de Sousa

Evidências de Validade da Escala de Pensamentos Automáticos em Jogadores de Futebol

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 24 de novembro de 2021.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Angela Donato Oliva (Orientadora)

Instituto de Psicologia - UERJ

Prof. Dr. José Augusto Evangelho Hernandez

Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Vanessa Dordron de Pinho

Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Livia Gomes Viana-Meireles

Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Ricardo da Costa Padovani

Universidade Federal de São Paulo

Rio de Janeiro

2021

Para o meu amor, Rubens Roberto dos Reis, a melhor pessoa da minha vida

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, Aquele que em todo o percurso da minha vida sempre me abençoou com a graça da perseverança, provisão, saúde e amor para enfrentar tantas dificuldades, e me permitiu chegar até aqui.

Ao meu amor Rubens Roberto, por representar tudo o que uma pessoa tem de melhor: companheirismo, apoio, incentivo, motivação, afeto, tranquilidade, altruísmo e lealdade. Foi ele que nunca saiu do meu lado em meio a todos os desafios que essa jornada apresentou, e sempre me inspirou a buscar cada vez mais a melhor versão de mim. Te amo!

À minha irmã Letícia, ao meu cunhado Pedro, ao meu irmão Rafael e à minha cunhada Débora, e à minha “vó” Terezinha, por verdadeiramente me amarem incondicionalmente, e serem a expressão do verdadeiro amor familiar. À minha nova família que me acolheu e me amou tanto, e que, por isso, nunca me cansarei de retribuir todo esse amor. Obrigado Wilson, Clara, Aline, João Marcos, Flávio, Wilson e Victória!

Aos meus grandes amigos de tão longo tempo, e àqueles que surgiram ao longo dessa jornada, e que nos deram tantas alegrias, obrigado por serem minha segunda família!

Aos meus amigos que trabalham ou trabalharam comigo na Psicologia, agradeço de todo o coração o tanto que pude crescer profissionalmente e pessoalmente com vocês. Muito obrigado Mery, Alexandre, Jaqueline e Carol! E aos meus alunos, que se tornaram meus amigos no estudo em Psicologia do Esporte.

Agradeço muito à minha orientadora, Prof.^a Angela Donato, que com tanta sabedoria, conhecimento e paciência, me conduziu nesse percurso de uma maneira única, e que serei eternamente grato! Muito obrigado por acreditar no meu projeto desde o início por compartilhar tanto durante as aulas e orientações, e por ser um modelo de professora e p do qual quero me tornar.

Agradeço também aos meus amigos que tanto colaboraram com o meu trabalho durante o doutorado: Paulo Ribeiro, Kátia Souza e Mariana Rambaldi. Vocês não só ajudaram com sugestões tão importantes, mas também me incentivaram e me motivaram em vários momentos difíceis. Muito obrigado!

RESUMO

SOUSA, Daniel Vítor Gomes de. Evidências de Validade da Escala de Pensamentos Automáticos em Jogadores de Futebol. 2021. 128f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

O futebol é um dos esportes mais populares do mundo, e possui grande identificação cultural com o brasileiro. Dentre os diversos profissionais que trabalham no futebol encontra-se o psicólogo, que elabora programas de treinamento psicológico, visando identificar habilidades cognitivas fundamentais para a performance do atleta e o seu equilíbrio emocional. Nesse contexto, destaca-se a importância da Avaliação Psicológica como forma de detecção dos aspectos psicológicos que interferem no rendimento esportivo, e que são a base para planejar e efetuar intervenções em Psicologia do Esporte. Alguns autores têm apontado a existência de poucos instrumentos para a Avaliação Psicológica de pensamentos automáticos, e de outros construtos psicológicos no esporte, e isso dificulta a atuação do psicólogo no esporte, especialmente no futebol. A escassez de instrumentos validados para o contexto do esporte no Brasil é considerada um dos maiores desafios para a Psicologia do Esporte quanto à avaliação quantitativa. Medidas psicológicas, que estão diretamente relacionadas ao rendimento, podem fortalecer o trabalho do Psicólogo do Esporte em geral e no futebol, através do oferecimento de dados empíricos para subsidiar intervenções das comissões técnicas. Considerando esse cenário, o presente trabalho teve como objetivo conduzir um estudo sobre evidências de validade da Escala de Pensamentos Automáticos em Jogadores de Futebol (EPAJF), apoiada no modelo cognitivo de Aaron Beck. Para realizar a análise de conteúdo da escala, os itens foram unidos em um único documento, e solicitou-se a três juízes especialistas que: 1) verificassem em uma análise quantitativa: a adequação à categoria, a clareza de linguagem, e a pertinência prática e relevância teórica dos itens; 2) em uma análise qualitativa sugerissem modificações que julgassem pertinentes para melhorar os itens. Em seguida, calculou-se o coeficiente de validade de conteúdo com base na avaliação feita pelos juízes especialistas no questionário de análise de conteúdo: quantitativo. Após o cálculo do coeficiente, identificaram-se 58 itens com 80% de concordância entre juízes, e 26 itens com 100% de concordância. Na sequência do estudo, efetuaram-se os procedimentos empíricos, que consistiram na aplicação do instrumento a uma amostra de 192 jogadores de futebol acima de 18 anos, com média de idade de 25,48 anos ($DP = 6,97$). A tabulação e análise dos resultados acerca da validade da medida foram feitas através da Análise Fatorial Exploratória (AFE). Utilizou-se o *software* FACTOR, versão 11.05.01, para as análises de fatorabilidade dos dados, número e rotação de fatores e, para cálculo dos índices de confiabilidade, o *software* Jasp. Os resultados iniciais indicaram a pertinência do modelo com 26 itens e 100% de concordância obtida na Análise de Conteúdo. A partir da análise da estrutura interna, indicou-se um modelo com 4 fatores com Alfa de Cronbach (α) e Ômega (Ω) de McDonald, entre 0,54 e 0,76, considerados aceitáveis. Dois fatores formaram-se por itens de pensamentos automáticos disfuncionais, e nomearam-se como “Visão de Desamparo” e “Visão de Desesperança”, respectivamente, e dois fatores formaram-se por itens de pensamentos automáticos funcionais e nomeados como “Visão de Valorização” e “Visão Racional”. A versão final após a AFE, indicou um modelo da EPAJF com 22 itens e 04 (quatro) fatores.

Novos estudos devem ser realizados para efetuar a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) utilizando uma amostra maior, de modo a dar robustez às evidências empíricas em termo de validade e da fidedignidade da medida construída.

Palavras-chave: futebol; pensamentos automáticos; psicologia cognitiva; avaliação psicológica; psicometria.

ABSTRACT

SOUSA, Daniel Vítor Gomes de. Evidence of Validity of the Automatic Thoughts Scale in Soccer Players. 2021. 128f. Thesis (Doctorate in Social Psychology) - Institute of Psychology, State University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Soccer is one of the most popular sports in the world today and has great cultural identification with Brazilians. Among the many professionals who work in soccer, there is the psychologist, who elaborates psychological training programs aiming to identify fundamental cognitive skills for the athlete's performance and emotional balance. In this context, the importance of psychological assessment is highlighted as a way of detecting the psychological aspects that interfere with sports performance and which are the basis for planning and carrying out interventions in Sport Psychology. Some authors have pointed out the existence of few instruments for the psychological assessment of automatic thoughts and other psychological constructs in sport, and this makes it difficult for the Psychologist to work in Sports, especially in soccer. The scarcity of instruments validated for the context of sport in Brazil is considered one of the biggest challenges for Sport Psychology in terms of quantitative assessment. Psychological measures that are directly related to performance can strengthen the work of Sport Psychologists in general and in football, by offering empirical data to support interventions by technical committees. Considering this scenario, this study aimed to conduct a study on the validity evidence of the Automatic Thoughts in Soccer Players Scale (EPAJF), supported by Aaron Beck's cognitive model. To carry out the content analysis of the scale, the items were pasted into a single document and three expert judges were asked to: 1) verify in a quantitative analysis a) adequacy to the category, b) clarity of language, c) practical relevance and theoretical relevance of the items; 2) in a qualitative analysis, suggest modifications that they deem pertinent to improve the items. Then, the content validity coefficient was calculated based on the assessment made by expert judges in the content analysis questionnaire - quantitative. After calculating the coefficient, 58 items were identified with 80% agreement among judges, and 26 items with 100% agreement. Following the study, empirical procedures were performed, which consisted of applying the instrument to a sample of 192 soccer players over 18 years old, with a mean age of 25.48 years ($SD = 6.97$). The tabulation and analysis of the results regarding the validity of the measure were carried out using Exploratory Factor Analysis (EFA). The FACTOR software, version 11.05.01, was used for the analysis of data factoriability, number and rotation of factors, and the Jasp software for calculation of reliability indices. The initial results indicated the relevance of the model with 26 items and 100% agreement obtained in the Content Analysis. From the analysis of the internal structure, it indicated a model with 4 factors with Cronbach's Alpha (α) and Omega (Ω) of McDonald between 0,54 and 0,76, considered acceptable. Two factors were formed by dysfunctional automatic thought items and were named "Vision of Helplessness" and "Vision of Hopelessness", respectively, and two factors were formed by functional automatic thought items and were named "Vision of Appreciation" and "Rational Vision". The final version after the AFE indicated an EPAJF model with 22 items and four factors. New studies must be carried out to carry out the Confirmatory Factor Analysis (CFA) using a larger sample, in order to give robustness to the empirical evidence in terms of validity and reliability of the constructed measure.

Keywords: football; automatic thoughts; cognitive psychology; psychological assessment; psychometry.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Modelo Cognitivo segundo Beck.....	21
Figura 2	Fluxo PRISMA.....	41
Figura 3	Conceituação Cognitiva do Fator 1 da EPAJF - Visão de Desamparo (Beck, 1997).....	88
Figura 4	Conceituação Cognitiva do Fator 2 da EPAJF - Visão de Valorização (Beck, 1997).....	90
Figura 5	Conceituação Cognitiva do Fator 3 da EPAJF - Visão Racional (Beck, 1997) e Young et al. (2008).....	91
Figura 6	Conceituação Cognitiva do Fator 4 da EPAJF - Visão de Desesperança (Young et al., 2008).....	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Estudos de Avaliação Psicológica para o Esporte.....	31
Tabela 2	Estudos de Construção e Validação de Instrumentos de Avaliação Psicológica para o Futebol.....	43
Tabela 3	Pressupostos da Análise Fatorial em Psicologia.....	56
Tabela 4	<i>Distorções Cognitivas (Knapp & Beck, 2008)</i>	66
Tabela 5	Fatores Disfuncionais da Escala de Pensamentos Automáticos em Jogadores de Futebol (EPAJF).....	69
Tabela 6	Fatores Funcionais da Escala de Pensamentos Automáticos em Jogadores de Futebol (EPAJF).....	70
Tabela 7	Resultados da Análise Fatorial Exploratória - Modelo A.....	79
Tabela 8	Resultados da Análise Fatorial Exploratória - Modelo B.....	82
Tabela 9	Resultados da Análise Fatorial Exploratória - Modelo C, Coeficientes de Confiabilidade Alpha de Cronbach, Ômega de McDonald e Confiabilidade Composta.....	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACP	Análise de Componentes Principais
ACT	Terapia de Aceitação e Compromisso
AFC	Análise Fatorial Confirmatória
AFE	Análise Fatorial Exploratória
APA	<i>American Psychological Association</i>
ATQ-P	<i>Automatic Thoughts Questionnaire-Positive</i>
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BRUMS	Escala de Humor de Brunel
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBQ	<i>Cognitive Bias Questionnaire</i>
CC	Confiabilidade Composta
CCBS	Escala de Comportamentos Controlado do Treinador
CEP	Comitê de Ética em Pesquisas
CFI	<i>Comparative Fit Index</i>
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CPRD	Questionário de Características Psicológicas Relacionadas ao Desempenho Esportivo
CSAI-2	Inventário de Ansiedade-Estado Competitiva
CSAI-2R	Inventário francês de ansiedade competitiva-2 revisado
CVC	Coeficiente de Validade de Conteúdo
DBT	Terapia Comportamental Dialética
DOAJ	<i>Directory of Open Access Journals</i>
ELE	Escala de Liderança para o Esporte

EPA	Escala de Pensamentos Automáticos para Crianças e Adolescentes
EPAJF	Escala de Pensamentos Automáticos em Jogadores de Futebol
FOLQ	<i>Function of Observational Learning Questionnaire</i>
GEQ	Questionário de Ambiente de Grupo
IMI	Inventário de Motivação Intrínseca
ISF	Inventário de <i>Stress</i> no Futebol
ISRA-B	Inventário de Situações e Respostas de Ansiedade - Breve
KMO	<i>Kaiser-Meyer-Olkin</i>
LSSPCI	Lista de Sintomas de <i>Stress</i> Pré-Competitivo Infanto-Juvenil
MIPS	Inventário Multidimensional de Perfeccionismo no Esporte
MPAM-R	Escala de Motivação à Prática de Atividades Físicas
MSCI	Instrumento Multidimensional de Coesão no Esporte
MSOS-F	Escala Multidimensional de Orientações para Espírito Esportivo
PePSIC	Periódicos Eletrônicos de Psicologia
PGSSCS	Escala de Competência Percebida de Futebol Específica para o Jogo
PMCSQ-2	Questionário de Clima Motivacional Percebido nos Esportes-2
PMK	Psicodiagnóstico Miocinético
PNE	Portadores de Necessidades Especiais
POMS-A	Perfil dos Estados de Humor-Adolescente
PRIA-RS	Prontidão Psicológica de Atleta Lesionado para Retornar ao Esporte
PRSS	<i>Pain Related Self-statements Scale</i>
QAE	Questionário de Autoconfiança no Esporte
QAG	Questionário de Ambiente de Grupo
QQVA-B	Questionário de Qualidade de Vida sobre Atleta
QSA	Questionário de Satisfação do Atleta

RDWLS	<i>Robust Diagonally Weighted Least Squares</i>
RLC	Aprendizado Reflexivo <i>Continuum</i>
RMSEA	<i>Root Mean Square Error of Approximation</i>
SATEPSI	Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i> /Biblioteca Eletrônica Científica Online
SCQ	Questionário de Clima Esportivo
SMQ	<i>Sexual Modes Questionnaire</i>
SMS	Escala de Motivação no Esporte
SPFC	São Paulo Futebol Clube
SSPS	<i>Self-Statements during Public Speaking Scale</i>
STAI-T	Inventário de Ansiedade Traço-Estado
SVS	Escala de Vitalidade Subjetiva
TAD	Teoria da Autodeterminação
TCC	Terapia Cognitivo-Comportamental
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TE	Terapia do Esquema
TFC	Terapia Focada na Compaixão
TLI	<i>Tucker-Lewis Index</i>
TOC	Transtorno Obsessivo-Compulsivo
TP	Transtorno de Pânico
TPQ	Questionário de Parentalidade Transformacional
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
INTRODUÇÃO.....	19
1 Pensamentos Automáticos.....	22
1.1 A Terapia Cognitivo-Comportamental.....	22
1.2 Estudos de Construção e Validação de Instrumentos de Pensamentos Automáticos	27
1.3 Estudos em Psicologia do Esporte com a TCC.....	28
2 A AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NO ESPORTE.....	31
2.1 Estudos sobre Avaliação Psicológica no Esporte	32
2.2 Estudos sobre Construção e Validação de Instrumentos no Futebol.....	43
3 OBJETIVOS.....	68
3.1 Geral	68
3.2 Específicos.....	68
4 MÉTODO	69
4.1 Participantes.....	76
4.2 Instrumentos.....	76
4.3 Procedimentos de Coleta de Dados	78
4.4 Análise de Dados	80
5 RESULTADOS	81
6 DISCUSSÃO.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS.....	100
ANEXOS.....	114

Apresentação

É muito frequente que, na vivência humana, a prática esportiva perpassasse as experiências dos indivíduos. Talvez essa apareça no formato de atividades como brincadeiras, jogos e esportes, que se assemelham e se inter-relacionam como Helal (1990) descreve na Sociologia do Esporte. A brincadeira consistiria em qualquer atividade espontânea, voluntária e sem regras fixas, que proporciona prazer e diversão, não tendo finalidade ou sentido fora dela. O jogo apresenta uma sistematização de regras fixas, podendo ser dividido em jogos competitivos ou não competitivos.

O esporte incorpora os elementos do jogo, mas pode ser definido como qualquer competição que inclua uma medida importante de habilidade física, e que esteja submetida à uma organização maior, que fuja do controle daqueles que participam ativamente da ação em questão. Este constitui um dos fenômenos sociais do contexto brasileiro que se impõe ao indivíduo desde a infância, por ser um fator socialmente construído, capaz de penetrar no cotidiano, influenciar na formação de hábitos e costumes, constituindo uma das principais fontes de identificação do brasileiro, e pode ser motivo de exclusão devido à não integração esportiva de um sujeito em determinado grupo social ligado ao tema (Helal, 1990). Além do aspecto social, destaca-se também a prática da atividade física, que pode contribuir positivamente para o desenvolvimento biopsicossocial da criança e do adolescente, prática que tem se iniciado cada vez mais precoce (Arena & Bohme, 2000; Ribeiro et al., 2003).

O futebol foi meu tema de pesquisa no mestrado em Psicologia, realizado na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), no período entre 2012 e 2014, no qual a dissertação teve como título “Aspectos Psicossociais da Condição de Torcedor de Futebol”. O objetivo desse trabalho foi descrever quais elementos psicossociais influenciavam indivíduos na escolha por torcer por um time de futebol. A partir de uma amostra de 395 torcedores de times brasileiros, os resultados evidenciaram elementos diversos do contexto

social brasileiro que influenciavam nesse processo, como fatores afetivos familiares sociais diretos e indiretos, além da mídia, atestando a relação do esporte e do futebol com os aspectos psicossociais no Brasil. Esses resultados foram encontrados a partir da construção e validação de uma medida psicométrica da condição de torcedor de futebol (Andrade et al., 2014).

As revisões de literatura sobre a atuação da Psicologia do Esporte apontavam por possíveis áreas de atuação nesse contexto, como os processos psicossociais e alto rendimento (Brewer & Raalte, 2011). Na área da Psicologia, os estudos desenvolvidos no alto rendimento têm tratado de temas, como: preparação psicológica para competições (Knijnik & Moraes, 2009; Bagni et al., 2012), liderança e coesão entre equipes esportivas (Gomes et al., 2008), motivação para a prática esportiva (Geisler & Leith, 2007), perfil psicológico de atletas profissionais (Almeida et al., 2005; Mahl & Raposo, 2007), enfrentamento da dor (Rabelo et al., 2010) e ansiedade na prática esportiva (Román & Savoia, 2003).

O presente trabalho tem como tema de pesquisa a Psicologia do Esporte no alto rendimento, especificamente considerando o futebol como objeto de estudo, e tendo como referencial teórico a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC). A partir disso, traça-se como objetivo a construção e validação de uma escala para ser utilizada na Avaliação Psicológica no futebol.

Portanto, na introdução apresenta-se o futebol como fenômeno psicossocial, e sua relação histórica com a Psicologia do Esporte. Em seguida, no primeiro capítulo, apresenta o conceito de pensamento automático, construto psicológico que será investigado na prática do jogador de futebol, na sua relação conceitual com a TCC, estudos realizados em Psicologia do Esporte utilizando a TCC e estudos de validação e construção de instrumentos para identificação de pensamentos automáticos.

No segundo capítulo apresenta-se a Avaliação Psicológica, uma importante ferramenta para a atuação da Psicologia do Esporte, seguindo para exposição de estudos

realizados em Psicologia do Esporte, que descrevem a prática da Avaliação Psicológica, um estudo de revisão narrativa sobre os instrumentos psicológicos utilizados no esporte de forma geral, e um estudo de revisão sistemática de instrumentos construídos, validados e adaptados para o futebol. A partir das questões levantadas nos capítulos iniciais, são apresentados os objetivos, métodos, resultados e discussão dos achados.

Introdução

O futebol é um dos esportes mais populares do mundo atual, e sua origem com o modelo que é conhecido hoje, é atribuída aos ingleses. Apesar da origem da prática do futebol no Brasil ter sido relacionada a personagens da elite econômica brasileira, como Charles Miller em São Paulo e Oscar Cox no Rio de Janeiro, relatos históricos indicam que garotos das periferias do Rio de Janeiro, no final do século XIX, já imitavam os marinheiros ingleses que corriam atrás de uma bola nos quarteirões do porto do Rio de Janeiro. Pode-se afirmar, então, que a disseminação desse esporte tão popular no país ocorreu de múltiplas formas: nas ruas, colégios e clubes, e pelas mais diversas pessoas de várias classes sociais (Silva, 2006).

Hoje, percebe-se uma grande identificação cultural do brasileiro com o futebol, que refletiu inúmeras questões sociais, como lutas de classes sociais e questões étnicas (Marques, 2012). Um exemplo de amplitude do fenômeno do futebol, e sua relação com elementos psicossociais, é a discussão sobre o racismo no futebol que, segundo Helal e Teixeira (2011), já nas primeiras décadas do século XX esse tema ganha forte discussão social partindo do futebol. Os autores destacam que, em 1923, o Clube de Regatas Vasco da Gama, foi o primeiro a ganhar a taça da cidade do Rio de Janeiro, com um time caracterizado pela miscigenação racial. Tal fato teria causado grande insatisfação em clubes como Flamengo, Fluminense e Botafogo, ligados à “elite” da cidade, mas tornou-se um marco para aumentar a inclusão de negros no futebol.

Na contemporaneidade, tanto no contexto brasileiro quanto no âmbito internacional, o futebol ganhou *status* de profissão e carreira, fazendo com que a preparação para as competições se tornasse cada vez mais especializada e profissional. Dentre os diversos profissionais que trabalham no futebol, encontra-se o psicólogo, que trabalha em interface com diversas áreas do conhecimento ligadas ao esporte. A importância da atuação do

Psicólogo do Esporte com atletas profissionais é atestada por jogadores, membros de comissões técnicas e demais funcionários do departamento de futebol de clubes (Castellani, 2014).

A especialidade Psicologia do Esporte pode ser definida como a ciência que se ocupa do estudo dos indivíduos no contexto do esporte e do exercício. O psicólogo do esporte pode atuar elaborando programas de treinamento psicológico para alcance de melhor desempenho e condições de enfrentamento de estresse em competições, além de atuar com questões referentes à prática de atividade física em tempo livre, iniciação esportiva fora de competições, reabilitação de pessoas enfermas e Portadores de Necessidades Especiais (PNE) (Weinberg & Gould, 2011). No futebol, o psicólogo do esporte é de grande importância para a preparação profissional e desempenho de situações reais de jogo, identificando habilidades cognitivas fundamentais para a performance (Kruk et al., 2017; Santos & Ré, 2014).

A relação entre a Psicologia do Esporte e o futebol é estreita desde suas primeiras práticas no Brasil. Historicamente, o marco inicial da atuação da Psicologia no Esporte no Brasil é atribuído ao trabalho do Psicólogo João Carvalhaes, no São Paulo Futebol Clube, por 20 anos, e na Seleção Brasileira de Futebol, que conquistou a Copa do Mundo de Futebol de 1958 (Rubio, 2007).

Carvalhaes utilizou, em sua atuação profissional, os testes psicológicos, como o *Army Teste*, formato beta, no São Paulo Futebol Clube (SPFC), que tinha como objetivo a mensuração da inteligência geral não específica, e o Psicodiagnóstico Miocinético (PMK), teste de personalidade empregado na Seleção Brasileira na Copa de 1958. A partir da utilização desses instrumentos de Avaliação Psicológica, Carvalhaes contribuiu com o processo de tomada de decisão da comissão técnica, tanto no SPFC quanto na Seleção Brasileira na Copa de 1958 (Hernandez, 2011).

Apesar de uma atestada inicial atuação da Psicologia do Esporte ligada à prática do psicólogo, a área foi amplamente dominada por educadores físicos, porém, o desenvolvimento da área como atividade interdisciplinar inseriu os profissionais ligados à psicologia e cientistas do esporte (Raalte & Brewer, 2011). A partir do reconhecimento e regulamentação dessa especialidade pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), que ocorreu em 20 de dezembro de 2000, observou-se um grande potencial de crescimento da Psicologia do Esporte. No entanto, a maioria das publicações em Psicologia do Esporte está disponível em periódicos da Educação Física, evidenciando que a atuação e prática da Psicologia do Esporte não constituem exclusividade do Psicólogo (Vieira et al., 2013).

Pode-se destacar que, além das dificuldades identificadas para a consolidação da Psicologia do Esporte, existe a necessidade de delimitação das diretrizes, desde a formação acadêmica à especialização nesta área. Esta dificuldade tem provocado a ocupação do espaço de intervenção na área por profissionais sem a formação específica de Psicologia (Brandão, 1995).

Pensamentos Automáticos

A Terapia Cognitivo-Comportamental

A eficácia da intervenção em Psicologia do Esporte, tendo como referencial teórico a TCC, tem sido destacada por diversos estudos e autores, como forma de melhorar a compreensão e potencializar os resultados esportivos. As intervenções realizadas pelos psicólogos do esporte incluem a aplicação de técnicas e procedimentos como o estabelecimento de metas, imaginação, ensaio mental, controle da atenção e da ansiedade através da cognição, modificação de pensamentos irracionais, identificação, aplicação e modificação de diálogos internos (Raalte & Brewer, 2011).

Ao descrever o processo de surgimento da TCC, Knapp e Beck (2008) destacam a “revolução cognitiva”, que fez emergir questionamentos sobre o modelo comportamental utilizado até então na década de 60, as limitações desta abordagem comportamental não mediacional, para explicar o comportamento humano e os inúmeros terapeutas se identificando como “cognitivo-comportamentais”. A TCC tem como um dos precursores e principais teóricos de referência Aaron Beck, o qual tinha como propósito inicial atuar no tratamento da depressão através da modificação de pensamentos e comportamentos disfuncionais (Beck, 2014).

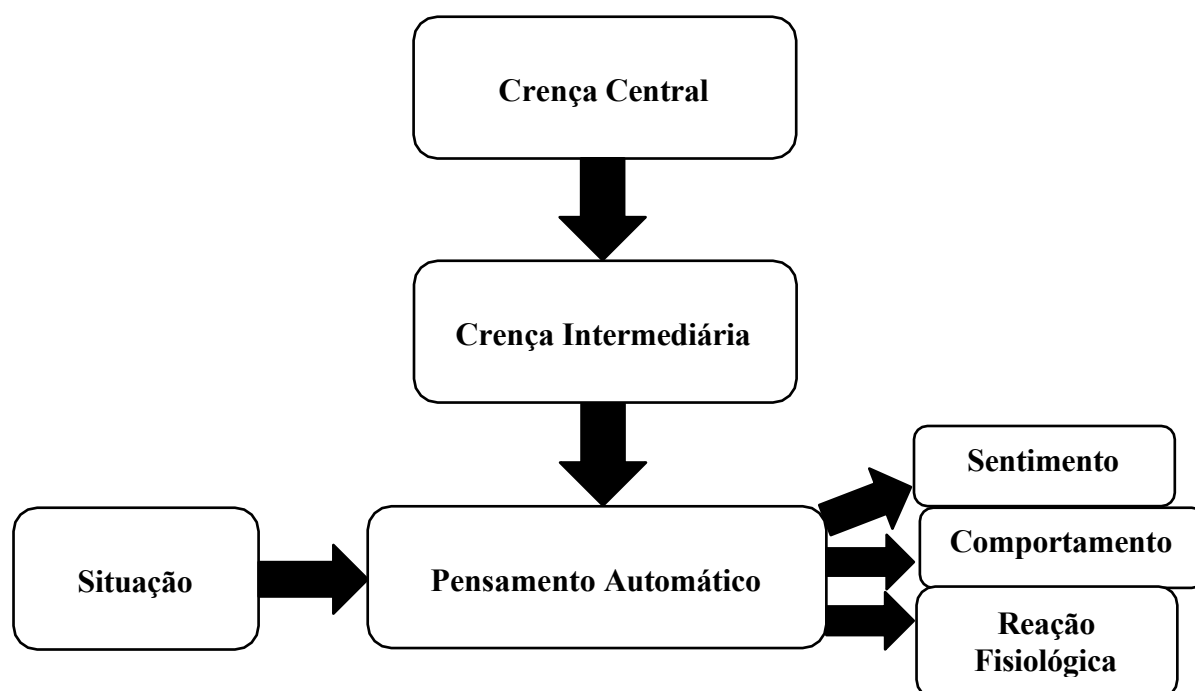
Dobson e Dobson (2010) apontem três pressupostos básicos para a TCC: hipótese do acesso, da mediação e da mudança. O primeiro aponta que os elementos cognitivos são possíveis de serem acessados e conhecidos mediante o treino de atenção. O segundo pressuposto se refere ao fato de que os pensamentos medeiam a ocorrência de sentimentos, comportamentos e reações emocionais, destacando, portanto, a influência da cognição sobre esses elementos. Já o terceiro pressuposto atesta a possibilidade de modificar elementos da cognição e, conseqüentemente, mudar sentimentos, comportamentos e reações fisiológicas

em determinadas situações. Tais pressupostos destacam a característica de ser baseada em evidências da TCC.

A TCC compreende na integração de conceitos, princípios e técnicas cognitivas e comportamentais, e se destaca no tratamento de transtornos de ansiedade, Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), alimentares, depressão e disfunção sexual (Bahls & Navolar, 2004). São destacáveis alguns princípios norteadores da TCC: formulação cognitiva contínua de cada paciente e de seus problemas; necessidade de uma aliança terapêutica segura; ênfase na colaboração e participação ativa do paciente; orientação para metas e foco na resolução de problemas; ênfase no presente; possuir caráter educativo, visando ensinar o paciente a ser seu próprio terapeuta; possuir um tempo limitado; apresentar estruturação das sessões; ensinar os pacientes a identificar, avaliar e responder os pensamentos automáticos e crenças disfuncionais; e utilizar uma variedade de técnicas para mudar pensamento, humor e comportamento (Beck, 2014).

A TCC possui um modelo teórico descrito por Rangé (2001), como o modelo cognitivo, no qual os transtornos psicológicos teriam como gênese uma alteração na percepção dos eventos e acontecimentos, causando mudanças significativas no afeto e no comportamento. Este modelo tem três níveis de pensamento: pensamento automático, crenças intermediárias (pensamentos intermediários) e crenças centrais.

A Figura 1, abaixo, apresenta o modelo cognitivo de Beck.

Figura 1*Modelo Cognitivo segundo Beck*

Os pensamentos automáticos possuem a característica de serem espontâneos, não são acessíveis de forma geral e, quando distorcidos da realidade, podem ser causadores dos transtornos psicológicos. Esse tipo de pensamento aparece ao longo de todo o dia do indivíduo, e descrevem ideias e imagens. São chamados de “automáticos”, porque surgem imediatamente durante e após situações diárias vivenciadas (Kuyken & Padesky, 2010).

No segundo nível se encontram as crenças intermediárias ou os pensamentos intermediários. Estes são mais rígidos que os pensamentos automáticos, e não estão diretamente relacionados às situações, aparecendo, geralmente, em formato de regras e suposições. No nível mais profundo do pensamento verificam-se as crenças centrais, que são extremamente rígidas e generalizadas, e constituem esquemas cognitivos específicos. A partir do conteúdo das crenças intermediárias e centrais, surgem os pensamentos automáticos (Beck, 2014; Rangé, 2001).

Beck (1997, 2005, 2014) descreve que as crenças centrais podem ser divididas em três categorias: desamparo, desamor e desvalor. Segundo o autor, os indivíduos podem ter um tipo ou mais dessas crenças, que surgem desde a infância, e estas podem ser funcionais ou disfuncionais. Mediante o aparecimento de sofrimento psicológico, as crenças centrais disfuncionais emergem, podendo causar problemas para o indivíduo.

Quanto ao tipo de crenças de desamparo, Beck (2014) aponta que estas podem se expressar da seguinte forma: “Eu sou incompetente”, “Eu sou ineficiente”, “Eu não consigo fazer nada direito”; já as crenças de desamor podem aparecer como: “Eu não sou desejável”, “Eu não sou atraente”, “Eu não sou querido”; e, por fim, Beck aponta que crenças como “Eu não tenho valor”, “Eu sou intolerável”, “Eu sou mau” e “Eu sou inútil” são do tipo de desvalor.

Beck (2014) afirma que o objetivo do terapeuta é realizar uma formulação cognitiva de cada paciente, para que o terapeuta, compreendendo o caso, possa fazer uma intervenção que leve à modificação de pensamentos distorcidos que conduzem à ativação de sistema de crenças disfuncionais do paciente. A ideia é promover alterações sobre os seus comportamentos e os sentimentos não coerentes com os contextos. A identificação dos elementos do modelo cognitivo é o primeiro passo para a elaboração de intervenções na TCC. Durante a prática do psicólogo na TCC, esta identificação pode ser feita utilizando métodos de entrevista clínica, e técnicas e instrumentos psicométricos (Beck, 2014; Abreu et al., 2013).

Os estudos de Aaron Beck foram o ponto de partida para o surgimento e desenvolvimento de novas perspectivas teóricas em TCC. A partir da revolução cognitiva na década de 1970, outros protocolos psicoterapêuticos foram desenvolvidos considerando os elementos cognitivos. A década de 1990 apresentou a Terapia de Aceitação e Compromisso

(ACT), Terapia Comportamental Dialética (DBT), Terapia Focada na Compaixão (TFC) e a Terapia do Esquema (TE) (Lucena-Santos et al., 2015).

Young et al. (2008) apresentaram um modelo teórico a partir da ideia de crenças nucleares do modelo cognitivo de Beck de 18 esquemas cognitivos divididos em 05 (cinco) domínios, os quais eles nomeiam como categorias amplas de necessidades emocionais não satisfeitas:

- Domínio I, de desconexão e rejeição, formados pelos esquemas de: a) abandono/instabilidade, b) desconfiança/abuso, c) privação emocional, d) defectividade/vergonha ou e) isolamento social/alienação;
- Domínio II, de autonomia e desempenho prejudicados, com esquemas de: f) dependência/incompetência, g) vulnerabilidade ao dano ou à doença, h) emaranhamento/se/subdesenvolvido, i) fracasso;
- Domínio III, de limites prejudicados, com esquemas de: j) arrogo/grandiosidade, l) autocontrole/autodisciplina insuficientes;
- Domínio IV, de direcionamento para o outro, com esquemas de: m) subjugação, n) auto sacrifício, o) busca de aprovação/busca de reconhecimento; e;
- Domínio V, de supervigilância e inibição, com esquemas de: p) negativismo/pessimismo, q) inibição emocional, r) padrões inflexíveis/postura crítica exagerada, e s) postura punitiva.

De acordo com Young et al. (2008), os padrões negativos de pensamento muitas vezes atrapalham ou impedem que as pessoas atinjam seus objetivos, por isso é importante entender a origem dos padrões de pensamento negativo que são ativados nas pessoas, e o que mantém esse funcionamento mental. A TE que ele propõe considera não apenas os pensamentos, mas os sentimentos, e busca entender os problemas atuais como tendo origem na infância, nas necessidades emocionais não atendidas. Esse enfoque se aproxima bastante

do modelo de Beck, e em certo sentido amplia o entendimento dos aspectos disfuncionais dos indivíduos.

Estudos de Construção e Validação de Instrumentos de Pensamentos Automáticos

Quando se fala de utilização de instrumentos psicométricos para mensuração de qualquer construto psicológico, é importante verificar os estudos de validação da medida em questão. A validade de uma medida constitui um parâmetro de medida típico das ciências sociais e, em Psicologia, refere-se à tentativa de garantir que o instrumento descreva a propriedade psíquica do fenômeno que está se propondo medir. Portanto, demonstrar a validade de instrumentos em Psicologia é condição indispensável e essencial para a sua aplicação e utilização (Pasquali, 2004).

Nos estudos de construção e validação de instrumentos psicométricos, tem-se como objetivo geral a demonstração de correspondência entre Traço Latente, que consiste no construto psicológico que o instrumento propõe a medir, e sua representação física, que corresponde ao comportamento expresso no item do instrumento (Pasquali, 2004). Para que isso seja efetuado, é necessária a observação dos seguintes princípios: procedimentos teóricos, empíricos ou experimentais, e analíticos ou estatísticos (Reppold et al., 2014).

Em uma revisão narrativa de instrumentos psicométricos que mensuram pensamentos automáticos realizada por Froeseler et al. (2013), destacou-se a importância da utilização de instrumentos psicométricos para a identificação de pensamentos automáticos. Os autores identificaram 23 instrumentos psicométricos originais, que mensuram pensamentos automáticos relacionados aos transtornos de ansiedade, como: o *Self-Statements during Public Speaking Scale* (SSPS) (Hofmann & DiBartolo, 2000); transtornos depressivos, como o *Cognitive Bias Questionnaire* (CBQ) (Krantz & Hammen, 1979); avaliação de pensamentos positivos e negativos, como o *Automatic Thoughts Questionnaire-Positive* (ATQ-P) (Ingram & Wisnicki, 1988); relacionados a outras psicopatologias, como o *Phobia Questionnaire* (Öst

& Hugdahl, 1981); relacionados à dor crônica e outras condições médicas/clínicas, como o *Pain Related Self-statements Scale* (PRSS) (Flor et al., 1993); e o *Pain Cognition List - Experimental version* (Wit et al., 2001); e relacionados à atividade sexual, como o *Sexual Modes Questionnaire* (SMQ - Versão masculina e feminina) (Nobre & Pinto-Gouveia, 2003).

O estudo também identificou 08 (oito) adaptações dos instrumentos identificados nessa revisão, sendo apenas 01 (uma) para o contexto brasileiro, a Escala de Pensamentos Automáticos para Crianças e Adolescentes (EPA), realizada por Abreu et al. (2013), 05 (cinco) adaptações efetuaram-se para o contexto europeu e 02 (duas) no continente asiático. Como conclusão, aponta-se a escassez de estudos que avaliem propriedades psicométricas de instrumentos que se propõem a identificar pensamentos automáticos, e a necessidade de construção de instrumentos psicométricos que avaliem esse construto para o contexto brasileiro (Froeseler et al., 2013).

Estudos em Psicologia do Esporte com a TCC

Atualmente, alguns estudos estão sendo desenvolvidos na Psicologia do Esporte utilizando a TCC. Pesca (2004) realizou um estudo com o objetivo de avaliar a eficácia da utilização de técnicas de TCC no auxílio de tratamento de atletas de futebol lesionados. Três atletas de um time profissional submeteram-se às seguintes técnicas cognitivo-comportamentais: relaxamento progressivo, estabelecimento de metas, visualização e respiração profunda. Os resultados indicaram que os três atletas apresentaram diminuição da ansiedade e, conseqüentemente, aumento da autoconfiança, e um deles apresentou diminuição significativa nos níveis de estresse.

Outro estudo desenvolvido por Muotri et al. (2007) teve como objetivo fazer uma revisão de trabalhos que relacionavam a prática de atividade esportiva e o tratamento de Transtorno de Pânico (TP). Nessa pesquisa, observou-se a eficácia dessa prática como intervenção adjuvante, e da utilização da exposição interoceptiva. Esta consiste numa técnica

cognitivo-comportamental que tem como finalidade corrigir as percepções catastróficas dos sintomas físicos sentidos pelos pacientes durante o ataque de pânico, ou nos sintomas ansiosos antecipatórios (Manfro et al., 2008).

Estudos mais recentes em Psicologia do Esporte continuam atestando a eficácia da TCC no esporte de forma geral. Olmedilla et al. (2019) desenvolveram um estudo com jogadores de futebol juvenil para avaliar a eficácia de um acompanhamento psicológico no controle do estresse. Para identificar fatores de estresse relacionados à prática esportiva, utilizou-se o Questionário de Características Psicológicas Relacionadas ao Desempenho Esportivo (CPRD) e, após a Avaliação Psicológica, realizaram-se intervenções em TCC com motivação, psicoeducação, ajuste de objetivos, atenção concentrada, visualização, ativação e relaxamento. Após as intervenções, observou-se que o controle de estresse foi maior, indicando a importância da atuação da Psicologia do Esporte no futebol.

Lundqvist (2020) descreve um processo de acompanhamento psicológico de uma atleta olímpica sueca após o encerramento de sua carreira, aplicando a ativação comportamental. As intervenções foram realizadas ao longo de 05 (cinco) sessões, sendo a última caracterizada pelo reforçamento de todos os elementos trabalhados nas intervenções. Inicialmente, realizou-se uma conceituação cognitiva do caso e uma mensuração de três construtos psicológicos: depressão, ansiedade e qualidade de vida. A avaliação dos resultados apontou que a atleta apresentava indícios de depressão moderada, nível severo de ansiedade e qualidade de vida relativamente baixa. Após as intervenções de ativação comportamental, observou-se que a atleta deixou de preencher critérios diagnósticos para depressão e ansiedade, e aumentou os níveis de qualidade de vida.

Dowell et al. (2020) desenvolveram um estudo com adolescentes jogadores de rúgbi australianos, com o objetivo de avaliar a saúde mental dos participantes e propor intervenções em TCC. Os participantes foram submetidos a um processo de Avaliação Psicológica através

de instrumentos psicométricos que identificaram níveis de ansiedade, depressão, raiva e comportamentos de externalização, consistência de interesse e perseverança em relação aos objetivos de longo prazo em geral, otimismo, gratidão, comportamentos prosociais e autoeficácia para emoções negativas. Utilizaram-se intervenções como psicoeducação e autocontrole emocional com os adolescentes, e os resultados indicaram uma eficácia do programa na promoção de saúde mental dos adolescentes atletas do rúgbi.

Um dos estudos realizados em Psicologia do Esporte, que teve como base a TCC, foi realizado com jogadores de futebol. Román e Savoia (2003) avaliaram a ansiedade e a ocorrência de pensamentos automáticos ligados à prática desse esporte em uma amostra de 75 jogadores. Através de entrevista clínica, os pesquisadores solicitavam aos jogadores de futebol que mencionassem pensamentos automáticos que apareciam em situações de jogos quando sentiam ansiedade e humor deprimido. Os resultados identificaram pensamentos automáticos como: “Preciso acertar o passe (senão algo ruim acontece)”, “Quando erro uma bola, a seguinte tenho que acertar”, “Dois erros seguidos e estou numa fase ruim” e “Tenho que ganhar, senão me prejudico”, relacionados aos sintomas de ansiedade e humor deprimido, e que interferem na performance esportiva.

A partir desses estudos citados, verifica-se a potencial eficácia da utilização da TCC e suas técnicas na área da Psicologia do Esporte, tanto na prática profissional quanto na não profissional.

A Avaliação Psicológica no Esporte

A história do desenvolvimento da psicologia enquanto ciência, atesta a importância da Avaliação Psicológica no contexto profissional e científico, tanto no Brasil quanto no cenário internacional (Bueno & Peixoto, 2018). Considerada como uma área em que é realizada a operacionalização das teorias psicológicas, pode-se dizer que esta seria uma das principais contribuições para o *status* científico da psicologia, visto que, a partir disso, é possível testar a eficácia dessas teorias e propor aprimoramentos (Primi, 2003).

Na Psicologia do Esporte, a Avaliação Psicológica desempenha um papel fundamental na prática de alto rendimento no futebol e em outros esportes. No entanto, alguns autores têm apontado que a existência de poucos instrumentos para a Avaliação Psicológica no esporte tem dificultado a atuação do psicólogo no esporte, especialmente no futebol, no qual muitos profissionais sem a formação em Psicologia atuam como “psicólogos” em momentos que o aspecto psicológico interfere na performance do jogador de futebol (Cozac, 2003). A escassez de instrumentos validados para o contexto do esporte é considerado um dos maiores desafios para a Psicologia do Esporte, tanto quanto a avaliação quantitativa (Melo & Filgueiras, 2019).

Pode-se considerar que o processo de Avaliação Psicológica, de forma geral, passou por dificuldades durante seu desenvolvimento, principalmente a partir da metade do século XX. Para Bueno e Peixoto (2018), a confusão entre o conceito de avaliação e de testagem psicológica, além da má qualidade psicométrica dos instrumentos psicológicos, pode ser considerada um dos principais problemas da área nesse período. Como destacado por Anastasi e Urbina (2000), a confusão entre testagem e avaliação pode ser atribuída ao surgimento da Avaliação Psicológica com a aplicação prática de testes para seleção de soldados nas grandes guerras mundiais, e o seu uso indiscriminado para o processo de seleção de pessoas em organizações.

Entre os problemas psicométricos dos testes psicológicos, de forma geral, pode-se destacar a ênfase de estudos em psicometria nos sistemas teóricos psicológicos, e a sua pouca correlação com pressupostos matemáticos no início da utilização dos testes, o que gerou instrumentos com pouca fundamentação empírica. Outra dificuldade foi a ênfase nos pressupostos estatísticos na denominada “era da validade de critério”, que desconsiderava as fundamentações teóricas psicológicas. Esse último problema fez com que muitos associassem a construção de instrumentos com a Estatística, e não com a Psicologia. Surgem, então, questões ligadas à validade dos testes, pois este processo busca descobrir se os itens de um teste medem, de fato, aquilo que eles se propõem a medir, considerando tanto as teorias psicológicas quanto os fundamentos estatísticos (Pasquali, 2004).

Estudos sobre Avaliação Psicológica no Esporte

Na área da Psicologia do Esporte, alguns estudos foram realizados com a temática da Avaliação Psicológica. Em um estudo realizado por Garcia e Borsa (2016), 06 (seis) psicólogos do esporte, que trabalhavam com futebol, judô, nado sincronizado, atletismo, boxe, pentatlo naval e vôlei de praia, apontaram a Avaliação Psicológica no esporte como forma de conhecimento do atleta e a relação estabelecida por ele com o esporte, além de ser a base para planejar e efetuar intervenções. No ambiente internacional, o estudo de Vaamonde e Villanueva (2012), ao descreverem a filosofia de trabalho do departamento de psicologia do Clube Atlético de Madri, também apontam a relação entre Avaliação Psicológica e as intervenções na performance do futebolista desde as categorias de base até a chegada no profissional.

Esses estudos são coerentes com a descrição do psicodiagnóstico como uma das etapas do processo de preparação psicológica feito por Montiel et al. (2016) e Pérez-Córdoba (2013). A utilização de testes para mensurar níveis de ansiedade, depressão, estresse, com a identificação de fatores psicológicos do atleta, é o protocolo aplicado e que, segundo Melo e

Filgueiras (2019), é um dos tipos de Avaliação Psicológica quantitativa que auxilia na confirmação de hipóteses levantadas em entrevistas e observações. A grande questão é que os testes que têm sido utilizados nesse processo foram construídos para a utilização na avaliação clínica, e desassociados da performance esportiva, o que pode levantar dúvidas sobre a relação direta dos aspectos psicológicos na prática do esporte. No estudo de Garcia e Borsa (2016), os psicólogos do esporte mencionam a utilização de 12 testes, sendo apenas 03 (três) construídos para a prática esportiva, além de não serem adaptados para o contexto brasileiro.

Silva et al. (2014) realizaram um levantamento de instrumentos de Avaliação Psicológica que são utilizados por Psicólogos do Esporte. Foram identificados apenas 06 (seis) instrumentos que apresentam evidências de validade psicométrica, sendo dois construídos e validados para o futebol: o Inventário de *Stress* no Futebol (ISF) e a Escala de Motivação no Esporte (SMS) no futebol. Os estudos de validação e de adaptação desses dois instrumentos apontam evidências consistentes apenas na SMS.

Na revisão sistemática realizada por Piezoran et al. (2017), levantaram-se estudos sobre instrumentos de Avaliação Psicológica de estresse em atletas profissionais. Os autores indicaram que 50% das publicações utilizaram algum tipo de instrumento padronizado, mas apenas 5,7% dos artigos foram estudos de adaptação e de validação de instrumentos para Avaliação Psicológica de estresse. Dos 63,2% dos estudos que utilizaram medidas validadas, 66% não foram adaptadas para o contexto brasileiro.

Para verificar a produção científica de estudos sobre a Avaliação Psicológica no esporte, realizou-se uma revisão narrativa de literatura que possibilitou uma atualização sobre a produção científica de uma determinada temática (Vosgerau & Romanowski, 2014). Consultaram-se as bases de dados eletrônicas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (Periódicos), *Scientific Electronic Library Online*/Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO) e o portal de Periódicos Eletrônicos

de Psicologia (PePSIC), com as palavras-chave: “avaliação psicológica no esporte” e “validação e construção de instrumentos psicológicos no esporte”. A busca dos artigos não fez restrição do ano de publicação dos artigos em periódicos nacionais, e foi até janeiro de 2020.

Encontraram-se 48 artigos, sendo 17 (35,4%) que descrevem temas em Psicologia do Esporte em geral, 17 (35,4%) que tratam de algum tipo de intervenção psicológica, incluindo aplicação de algum tipo de instrumentos em Avaliação Psicológica no esporte, e 14 (29,1%) artigos com estudos de validação ou de adaptação de instrumentos de Avaliação Psicológica para o esporte. A Tabela 1 apresenta uma descrição dos estudos de validação e de adaptação de instrumentos.

Tabela 1

Estudos de Avaliação Psicológica para o Esporte

Construto	Instrumentos	Esportes	Ano
	Inventário de Ansiedade-		
Ansiedade	Estado Competitiva (CSAI-2)	Dança	2017
Motivação	Escala de Motivação à Prática de Atividades Físicas (MPAM-R)	Futebol, vôlei, basquete, natação, artes marciais, tênis e ciclismo	2010
Autoconfiança	Questionário de Autoconfiança no Esporte (QAE)	Ginástica artística, ginástica rítmica e futebol	2016
Satisfação	Questionário de Satisfação do Atleta (QSA)	Basquete, vôlei, futebol e handebol	2009

Ansiedade	Inventário de Ansiedade Traço-Estado (STAI-T)	Futebol, vôlei, basquete, handebol, karatê, jiu-jitsu, judô e tênis Arco e flecha, hóquei, judô, <i>netball</i> , futebol, tênis de mesa,	2014
Humor	Perfil dos Estados de Humor-Adolescente (POMS- A)	caminhada, trampolim, triatlo, vôlei, ciclismo, corrida de distância, <i>kick-boxing</i> , remo e natação	2004
Humor	Escala de Humor de Brunel (BRUMS)	Futebol	2008
Stress	Lista de Sintomas de <i>Stress</i> Pré-Competitivo Infanto- Juvenil (LSSPCI)	Não especificado	1998
Ansiedade	Inventário de Ansiedade- Estado Competitiva (CSAI- 2)	Futebol, Futsal, Vôlei, Handebol, Basquete, Tênis de Mesa, Judô, Jiu-Jitsu, Karatê, Corrida, Surfe e Natação	2012
Qualidade de Vida	Questionário de Qualidade de Vida sobre Atleta (QQVA-B)	Dança	2019
Liderança	Escala de Liderança para o Esporte (ELE)	Futebol, natação, judô e atletismo	2012
Motivação	Escala de Motivação no Esporte (SMS)	Futebol	2011

Aprendizagem Observacional	<i>Function of Observational Learning Questionnaire</i>	Natação, handebol e vôlei	2016
	(FOLQ)		
Ansiedade	Inventário de Ansiedade- Estado Competitiva (CSAI- 2)	Basquete, futebol, handebol, vôlei e jiu-jitsu	2014

Dentre os estudos realizados sobre o construto “ansiedade”, 03 (três) utilizam o CSAI-2. Esse instrumento, desenvolvido por Martens et al. (1990), baseado na Teoria Multidimensional da Ansiedade Competitiva, foi utilizado em vários estudos, em diversos países, e, originalmente, descrevia dois fatores para a ansiedade competitiva: ansiedade cognitiva e ansiedade somática (Fernandes et al., 2012).

No estudo realizado por Silva et al. (2017), destaca-se que esta escala sempre foi utilizada com atletas praticantes de diversas modalidades esportivas, e o objetivo desse estudo foi adaptar o CSAI-2 para bailarinos adolescentes brasileiros. Os resultados apontaram que o instrumento adaptado (CSAI-2-DANCE) possui consistência interna, mas os três fatores da ansiedade estado-competitiva, identificados em outros estudos (ansiedade somática, ansiedade cognitiva e autoconfiança), foram reduzidos para dois fatores: ansiedade e autoconfiança. A inadequação do modelo de três fatores também foi verificada no estudo de Bartholomeu et al. (2014), que utilizaram o CSAI-2 com atletas de diversas modalidades, como futebol, basquete, handebol, jiu-jitsu e vôlei. Diante disso, os autores apontam a necessidade de validação e adaptação de instrumentos específicos para as determinadas modalidades esportivas, uma vez que cada esporte possui características próprias.

No estudo de Fernandes et al. (2012), utilizaram-se 05 (cinco) modelos do CSAI-2 sugeridos pela literatura. Participaram desse estudo 375 atletas, que teve como objetivo

verificar as propriedades psicométricas do CSAI-2, e a invariância da medida com relação a gênero, esporte (individual ou coletivo) e nível competitivo. Os resultados indicaram que o modelo reduzido, mas com três fatores, melhor se adaptou à amostra pesquisada, diferentemente do estudo de Silva et al. (2017). Foram também apontados índices de ajustamento inadequados para o CSAI-2 original, após diversas análises fatoriais confirmatórias, o que atesta a necessidade de constantes estudos de validade e fidedignidade de medidas psicométricas. Por fim, o estudo aponta a importância de não serem negligenciados aspectos psicológicos, como a ansiedade na prática esportiva, visto que sintomas dessa natureza interferem na preparação do atleta de alto rendimento.

Outro instrumento utilizado relacionado à mensuração da ansiedade foi o STAI-T, destacado no estudo de Bartholomeu et al. (2014). Apesar de ser um dos instrumentos mais utilizados na Psicologia do Esporte, como de Avaliação Psicológica da ansiedade, esse é o único estudo que analisa a sua estrutura interna, e propõe uma adaptação para o esporte. Com uma amostra composta de 179 atletas, de diversos esportes, como futebol, vôlei, basquete, tênis e artes marciais, os autores observaram diferenças nos resultados da análise fatorial com relação aos estudos com amostras diferentes, evidenciando a necessidade de investigar uma estrutura específica do STAI-T para atletas. Uma diferença destacada é a maior carga fatorial na amostra de esportistas, o que pode indicar índices mais elevados de ansiedade em atletas do que na população em geral.

Dois estudos identificados na revisão mediram o construto “motivação”. Gonçalves e Alchieri (2010) realizaram uma adaptação da MPAM-R para o Brasil, com 309 indivíduos praticantes de esportes como futebol, vôlei, basquete, natação, artes marciais, tênis e ciclismo, além de atividades físicas em geral. Os resultados apontaram a manutenção da estrutura de cinco fatores da escala adaptada (diversão, competência, aparência, saúde e

social), diferentemente da Teoria da Autodeterminação (TAD), que considera a motivação como modelo bifatorial, base teórica utilizada para a construção do instrumento original.

No trabalho de Costa et al. (2011), o objetivo também foi adaptar um instrumento baseado na TAD, a SMS. Participaram desse estudo 370 atletas de futebol de categorias de base. Os resultados apontaram problemas na confiabilidade da medida adaptada, mas os autores destacam a validade da medida e a necessidade de novos estudos de validação.

Instrumentos de medida, relacionados ao construto “humor”, foram identificados em dois estudos. Rohlfs et al. (2004) descrevem o estudo original de validação do Perfil dos Estados de Humor-Adolescente (POMS-A/BRUMS), reduzido para a população adulta inglesa. Esse instrumento é utilizado em Psicologia do Esporte no ambiente internacional desde 1980, para o auxílio da Síndrome de Excesso de Treinamento, que já foi estudado em população brasileira e, originalmente, possuía 65 itens e seis fatores. Participaram desse estudo 2.549 indivíduos, entre atletas adolescentes e adultos, e estudantes adolescentes e adultos. Os autores apontaram como resultados a confiabilidade do modelo reduzido de 24 itens e seis fatores para adultos, podendo ser utilizada em estudos posteriores. No entanto, foi destacada a necessidade de adaptação do instrumento para o contexto brasileiro, visto as peculiaridades culturais diferentes entre o ambiente do estudo inicial na Inglaterra e no Brasil.

A primeira etapa de adaptação para a língua portuguesa brasileira do POMS-A/BRUMS foi realizada por Rohlfs et al. (2008), em um estudo piloto com 34 atletas do futebol, e o segundo estudo da presente revisão feito exclusivamente com atletas desse esporte. Ressalta-se que a amostra somente de jogadores de futebol não teve como objetivo validar o instrumento apenas para esse esporte. Após serem analisados os resultados, observou-se que a escala se mostrou sensível e fidedigna na avaliação de alterações psicológicas em atletas, demonstrando que estudos psicométricos para contextos específicos

são muito importantes em Avaliação Psicológica no esporte, o que contrasta com a escassez de instrumentos em Psicologia do Esporte.

Um dos estudos encontrados nessa revisão sobre liderança foi desenvolvido por Hernandez e Voser (2012), que teve como objetivo a validação de construto da ELE, na versão de preferência de liderança para atletas. Participaram do estudo 706 atletas brasileiros dos seguintes esportes: futebol, judô, natação e atletismo. Os autores apontaram a importância do estudo, em virtude de o instrumento estar sendo amplamente utilizado sem que tivesse havido um estudo de validade e adaptação para o contexto brasileiro. Os resultados indicaram a possibilidade de manutenção da estrutura original de cinco fatores, mas sugeriram modificações em alguns itens e readequação de itens a outros fatores. Os autores também apontaram diferenças entre a amostra brasileira e estudos internacionais, e em relação à variabilidade da tarefa quanto à preferência de estilos de liderança, reforçando a especificação de instrumentos em relação ao contexto esportivo.

Frischknecht et al. (2016) desenvolveram um estudo de adaptação e validação de uma medida de autoconfiança para atletas de ginástica e futebol, o Questionário de Autoconfiança no Esporte (QAE). O instrumento original possuía três fatores relacionados a tipos de autoconfiança divididos em 14 itens. Nessa pesquisa, os autores tiveram como amostra 379 atletas de alto rendimento da ginástica rítmica, ginástica artística e futebol. A mensuração da autoconfiança foi baseada no Modelo Conceitual de Autoeficácia, que tem sido utilizado como base de estudos no esporte sobre performance. Os autores apontam que a ausência de estudos brasileiros com essa temática é uma das justificativas para a adaptação do QAE. Após a análise dos resultados, foi possível afirmar que o estudo de validação indicou interpretações diferentes dos itens por parte dos atletas de acordo com o esporte praticado. O modelo de três fatores do instrumento original foi mantido para a amostra de ginastas, mas para os futebolistas foi sugerido um modelo com quatro fatores. É destacado que as

diferenças identificadas são decorrentes das questões referentes à modalidade esportiva, o que sugere a necessidade de estudos posteriores para adequação do QAE de acordo com o esporte.

Um estudo identificado na revisão narrativa refere-se à validação e adaptação de um instrumento em Portugal. Borrego et al. (2009) verificaram as propriedades psicométricas do QSA, numa amostra de 527 atletas de basquete, handebol, futebol e vôlei. Os autores também destacaram a escassez de estudo de validação e adaptação de medidas psicométricas para o esporte em Portugal. O instrumento original apresentava 15 dimensões e, após a análise dos resultados, foi eliminada a dimensão “serviços acadêmicos”, pois esta não foi considerada adequada no contexto esportivo português. Os autores atestam a validade do instrumento adaptado após a análise fatorial confirmatória, mas recomendam realização de novos estudos de validação do QSA em diferentes modalidades e contextos esportivos.

O estudo mais antigo identificado nessa revisão foi o realizado por De Rose Junior (1998), que teve como objetivo validar a LSSPCI. O autor destacou como justificativa para o desenvolvimento desse estudo a inexistência de instrumentos psicométricos para avaliação de estresse em atletas infantis. Participaram desse estudo 219 atletas, entre 10 e 14 anos e, após os resultados, atestou-se que o instrumento com 85 itens possuía índices de validade adequados. No entanto, o estudo não menciona a modalidade esportiva dos atletas da amostra pesquisada.

No estudo de Silva et al. (2019), o mais recente dessa revisão, os autores tiveram como objetivo verificar evidências de validade do Questionário de Qualidade de Vida sobre Atletas para bailarinos (QQVA-B). Antes desse estudo foram identificadas avaliações psicológicas em bailarinos utilizando instrumentos validados em outros esportes, sem verificação de propriedades psicométricas específicas para essa prática. O instrumento original foi validado no Brasil com 14 itens e cinco fatores numa amostra composta de

diversos esportes (natação, voleibol, basquetebol, futsal, futebol, ciclismo, atletismo, handebol, *taekwondo*, tênis de campo, esgrima e tiro com arco) e tem como base um conceito multidimensional de qualidade de vida. Nesse estudo 313 bailarinos entre 10 e 19 anos foram submetidos à versão do QQVA-B. Os fatores “Estado Emocional do Bailarino” e “Sinais e Sintomas de Supertreinamento” foram os que evidenciaram maior carga fatorial, e o fator “Planejamento e Periodização do Treinamento na Dança” apresentou resultados abaixo do satisfatório, diferente do estudo com atletas de outros esportes. Ficou evidente que os elementos mais relacionados à qualidade de vida em bailarinos não são semelhantes a outros esportes, o que reforça a necessidade de estudos de validade de instrumentos para modalidades esportivas específicas.

Por fim, Hayassaka e Marques (2016) desenvolveram um estudo com o objetivo de identificar evidências de validade e adaptação transcultural FOLQ. O construto mensurado por esse instrumento é a aprendizagem observacional, e tem como base a Teoria Social Cognitiva. O instrumento original possui 17 itens e três fatores, e a sua adaptação foi aplicada em 362 atletas da natação, handebol e vôlei. Após a análise dos resultados, os autores evidenciaram elementos de validade para o modelo de três fatores. Foi observado, também, que, dependendo da natureza do esporte (modalidades independentes ou dependentes, e previsibilidade ambiental), ocorre variação em relação à aprendizagem observacional, fato que fortalece a realização de outros estudos para a investigação do construto considerando variáveis, como o tipo de esporte.

Os estudos identificados na revisão narrativa investigaram propriedades psicométricas de instrumentos de Avaliação Psicológica no esporte dos construtos ansiedade, motivação, humor, liderança, estresse, qualidade de vida, satisfação, autoconfiança e aprendizagem observacional. Todos os estudos destacaram a relação desses construtos com a performance esportiva, seja potencializando-a ou reduzindo-a. Diante disso, pode-se atestar a importância

da Avaliação Psicológica em Psicologia do Esporte, visto que a mensuração desses construtos torna possível o estabelecimento de intervenções pertinentes à manutenção, aumento ou diminuição da alta performance.

Após a análise dos resultados dos estudos, os pesquisadores apontaram a importância da realização de novas pesquisas de validação de instrumentos psicométricos de acordo com o esporte. A maior parte das amostras é composta por atletas de diversas modalidades esportivas, desde esportes individuais até os coletivos. Os resultados das análises fatoriais dos construtos desses estudos apontam diferenças relacionadas ao tipo de esporte, o que fortalece a ideia de que a mensuração deve considerar características específicas da modalidade. Considerando que o conceito de validade em psicometria busca descobrir se os itens de um teste medem, de fato, aquilo que eles se propõem a medir, as diferenças nos resultados entre diferentes modalidades esportivas sugerem necessidades de ajustes dos instrumentos no que se refere à validação. Dessa forma, pode-se atestar que os itens das escalas, que são a representação física do traço latente, estão, efetivamente, medindo o próprio traço latente (Pasquali, 2009).

Com relação aos estudos de validação de medidas psicométricas para Avaliação Psicológica no futebol, apesar do esporte estar presente na maior parte das amostras com outros tipos, a presente revisão identificou apenas dois estudos que focaram especificamente sobre essa modalidade (Costa et al., 2011; Rohlf et al., 2008). Resultado semelhante foi encontrado na revisão de Silva et al. (2014). O futebol possui certas características que o tornam singular. É um esporte coletivo, popular no mundo todo, apresenta grande número de pessoas que se identificam com sua prática e se tornam torcedores, além de exibir uma enorme variedade de biotipos dos praticantes, com indivíduos altos ou baixos, lentos ou rápidos. Some-se a isso a imprevisibilidade dos resultados das partidas, nas quais uma equipe, considerada inferior, pode vencer outra considerada superior (Marques, 2012). Considerando

que esses elementos destacados podem interferir na performance do jogador de futebol, é fundamental que o processo de validação de instrumentos seja específico para esse esporte, de modo a garantir a mensuração precisa de aspectos psicológicos ligados ao desempenho.

Estudos sobre Construção e Validação de Instrumentos no Futebol

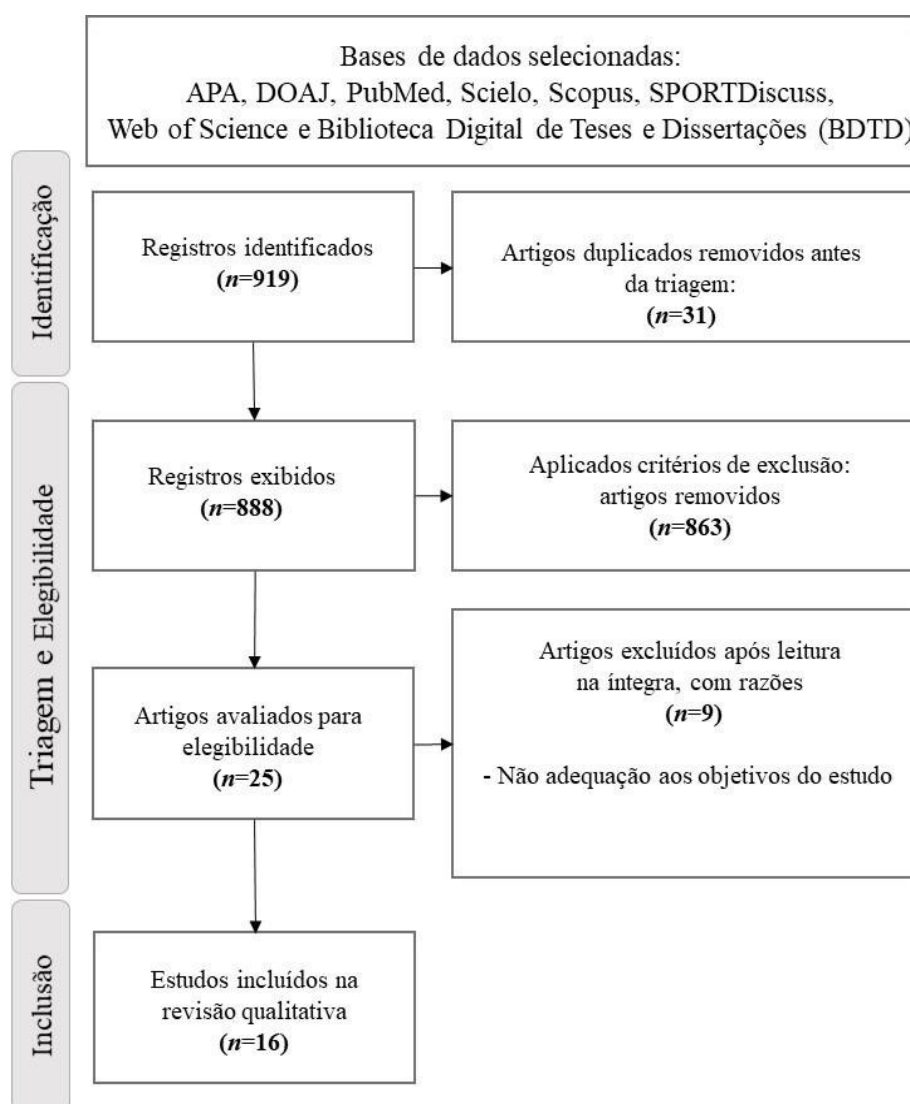
Após a realização da revisão narrativa sobre a Avaliação Psicológica no esporte, em geral, foi realizada uma revisão sistemática com o objetivo de identificar se, na literatura nacional e internacional, existem estudos científicos acerca da construção ou adaptação de instrumentos psicométricos voltados para o futebol. Para essa revisão, utilizou-se como referencial metodológico o *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement*, sendo a busca realizada entre os meses de março e abril de 2021, nas bases de dados *American Psychological Association (APA)*, *Directory of Open Access Journals (DOAJ)*, PubMed, SciELO, Scopus, *SPORTDiscuss* e *Web of Science*, além da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), todas indexadas no Portal CAPES. Não houve limitações quanto a idiomas, nacionalidade e recorte temporal. Como estratégias de busca utilizaram-se as seguintes palavras-chave: *validation, construction, adaptation, psychometric, instruments, soccer, football*, com os seguintes operadores booleanos: *AND* e *OR*.

A pesquisa bibliográfica identificou 919 artigos, sendo excluídos 31 por duplicidade e 872 pelos critérios de elegibilidade, resultando em 16 artigos para esta revisão. Utilizaram-se como critérios de inclusão: (1) estudos com temática de construção, validação e adaptação de instrumentos psicométricos voltados para o futebol; (2) estudos com amostras de jogadores de futebol masculino e feminino, sem limitação de idade; (3) estudos disponibilizados na íntegra e gratuitos. Como critérios de exclusão: (1) estudos com amostra que não jogadores de futebol como, por exemplo, treinadores; (2) revisão sistemática, bibliométrica, narrativa ou integrativa; (3) livro e capítulo de livro.

Os artigos foram comparados a partir de critérios utilizados para uma análise preliminar, após a extração nas bases de dados, que foram: base de dados, título do artigo, autor, ano, periódico e resumo. Uma segunda análise foi realizada considerando a leitura na íntegra dos artigos, no qual foram avaliados objetivo, metodologia e resultados de cada estudo. Estas avaliações foram feitas de forma pareada por três psicólogos (avaliadores). As discordâncias foram avaliadas visando consenso. A Figura 2 apresenta o fluxograma do processo de seleção dos artigos desta revisão.

Figura 2

Fluxo PRISMA



Nota-se que a maioria da publicação selecionada é composta de estudos internacionais, sendo 75% ($n = 12$) da Espanha (Quinteiro et al., 2006; Ruiz et al., 2012; López-López et al., 2013; Prieto et al., 2014; Castillo et al., 2014; Leo et al., 2015; Vaamonde & Ruiz-Barquín, 2015; Balaguer et al., 2018; Álvarez et al., 2019; Atienza et al., 2020; Gómez-Piqueras et al., 2020; Chamorro et al., 2020). Um estudo (6,25%) foi realizado na Finlândia (Forsmana et al., 2016), 01 (um) (6,25%) na Tunísia (Mnedla et al., 2018), 01 (um) (6,25%) na Noruega (Møllerløkken et al., 2017), e, quanto à publicação brasileira, foi encontrado 01 (um) (6,25%) estudo (Verzani et al., 2019). O idioma mais publicado é o inglês, e representa 62,5% ($n = 10$) das publicações, seguido do espanhol com 31,25% ($n = 5$) e do português com 6,25% ($n = 1$). A maior parte dos estudos foi publicada na Europa ($n = 14$; 87,5%), seguido da América do Sul e África, cada uma com 6,25% ($n = 1$).

Os estudos identificados nessa revisão foram publicados no período entre 2006 e 2020, com maior predominância no ano 2020, com 03 (três) estudos (18,75%) publicados (Atienza et al., 2020; Chamorro et al., 2020; Gómez-Piqueras et al., 2020). Entre os anos de 2012 e 2020, identificou-se, ao menos, 01 (uma) publicação em cada um dos anos. O estudo mais antigo foi 2006 (Quinteiro et al., 2006).

Tabela 2

Estudos de Construção e Validação de Instrumentos de Avaliação Psicológica para o Futebol

Nº	Título do Artigo	Autores e Ano de Publicação	Amostra (Tamanho e Média de Idade)	Objetivos do Estudo	Método de Extração dos Fatores	Instrumento
1	Estilo parental transformacio-nal, apoio à autonomia e suas implicações para o esgotamento de atletas adolescentes	Álvarez et al. (2019)	$n = 360$ Jogadores de futebol juniores espanhóis (324 homens e 36 mulheres); $\mu = 16,62$	Examinar as relações entre parentalidade transformacional, apoio à autonomia demonstrado por mães e pais e esgotamento esportivo em 360 jogadores de futebol juniores	Análise Fatorial Exploratória (AFE)	Questionário de Parentalidade Transformacional (TPQ)
2	Validação da versão árabe-tunisiana do	Mnedla et al. (2018)	$n = 304$ jogadores de futebol tunisianos (81	Validar a versão árabe-tunisiana do	Análise Fatorial Exploratória (AFE)	Inventário de Ansiedade

3	Adaptação de ISRA-B para jogadores de futebol de alto desempenho	Vaamonde & Ruiz-Barquín (2015)	homens e 223 mulheres); $\mu = 21,58$	questionário francês CSAI-2R e avaliar sua validade e confiabilidade	Competitiva-2 Revisado (CSAI-2R)
				Avaliar as propriedades psicométricas do ISRA-B e confirmar a estrutura fatorial em uma amostra de 141 jogadores de futebol do sexo masculino	
			$n = 141$ jogadores de futebol masculino profissional e juniores espanhóis; $\mu = 16,96$	Análise de Componentes Principais (ACP)	Inventário de Situações e Respostas de Ansiedade - Breve (ISRA-B)

				com idades entre 14 e 24 anos		
	Adaptação para futebolista (CPRD-F) do questionário “características psicológicas relacionadas ao desempenho esportivo” (CPRD)	López-López et al. (2013)	$n = 308$ jogadores masculinos espanhóis profissionais e não profissionais; $\mu =$ Não informada	Validar e adaptar para a população do futebol o questionário CPRD	ACP	CPRD
4	Validação da versão em espanhol do inventário multidimensional de perfeccionismo em	Atienza et al. (2020)	$n = 429$ jogadores espanhóis (317 homens e 52 mulheres); $\mu = 11,48$	Avaliar as propriedades psicométricas do inventário multidimensional de perfeccionismo no	Análise Fatorial Confirmatória (AFC)	MIPS
5						

			jovens jogadores de futebol		esporte (MIPS) em uma amostra de jovens futebolistas espanhóis	
6	Desenvolvimento e validação da Escala de Competência Percebida de Futebol Específica para o Jogo	Forsmana et al. (2016)	$n = 1965$ jogadores de futebol (1.607 homens e 358 mulheres); $\mu = 12,3$	Criar uma escala de competência de futebol válida, autorrelatada e específica para o jogo	AFE e AFC	Escala de Competência Percebida de Futebol Específica para o Jogo (PGSSCS)
7	Adaptação da Escala de Orientação Multidimensional para o espírito esportivo no contexto do futebol juvenil	Prieto et al. (2014)	$n = 160$ jogadores de futebol (158 homens e 2 mulheres); $\mu = 11$	Adaptar a Escala Multidimensional de Orientações ao Esportismo para o futebol juvenil	ACP	Escala Multidimensional de Orientações para Espírito Esportivo (MSOS-F)

			características		
			psicométricas da		
			escala adaptada		
			Adaptar para o		
			espanhol o		
Adaptação do MSCI		$n = 173$ jogadores de	futebol juniores	Instrumento	
para a medição da	Quinteiro et al.	masculinos		Multidimensional de	ACP
12 coesão em jovens	(2006)	espanhóis;		Coesão no Esporte	MSCI
jogadores de futebol		$\mu = 17,11$		(MSCI) para	
espanhóis			jogadores de futebol		
A influência das			Explorar a influência		Escala de satisfação
necessidades		$n = 478$ jogadores de	do fator psicológico		com a autonomia,
psicológicas básicas e	Chamorro et al.	futebol masculino	de satisfação no		Escala de Paixão
13 da paixão na	(2020)	espanhóis juniores;	desenvolvimento do	AFC	Adaptada para o
promoção do		$\mu = 17,42$	jogador em relação à		Futebol, Aprendizado
desenvolvimento de			reflexão e		Reflexivo <i>Continuum</i>

jovens jogadores de futebol de elite		concentração com a mediação de tipos de paixão em jovens jogadores de futebol de elite espanhóis		(RLC) Adaptado ao Futebol e Subescala de perturbação da concentração da Escala de Ansiedade Esportiva-2
A importância do apoio à autonomia dos treinadores na		Examinar o efeito do apoio à autonomia dos treinadores na		Questionário de Clima Esportivo (SCQ), Subescala Competência
14 experiência de lazer e no bem-estar de jovens jogadores de futebol	Balaguer et al. (2018) $n = 360$ jogadores de futebol masculino espanhóis juniores; $\mu = 12,6$	experiência de lazer de jovens jogadores de futebol masculino	AFC	Percebida do Inventário de Motivação Intrínseca (IMI), Escala de Autonomia Percebida no Esporte, Subescala

15	Uma comparação das percepções dos jogadores e treinadores sobre o clima motivacional criado pelo treinador em times de futebol juvenil	Møllerløkken et al. (2017)	$n = 256$ jogadores de futebol noruegueses juniores (128 homens e 128 mulheres); $\mu = 15,65$	Comparar diretamente as percepções de jogadores e treinadores sobre o clima motivacional em suas respectivas equipes	AFC	de aceitação da Escala de Necessidade de Relacionamentos, SMS e Escala de Vitalidade Subjetiva (SVS) Questionário de Clima Motivacional Percebido nos Esportes-2 (PMCSQ-2)
----	---	-----------------------------------	---	---	------------	--

Propriedades psicométricas da versão em espanhol da escala de controle dos comportamentos do treinador no contexto esportivo	Castillo et al. (2014)	$n = 806$ jogadores de futebol espanhóis juniores; $\mu = 13,15$	Traduzir para o espanhol e examinar as propriedades psicométricas da versão em espanhol da Escala de Comportamentos Controlado do Treinador (CCBS) em jogadores de futebol do sexo masculino	AFC	CCBS
---	------------------------	---	---	-----	------

Em relação à amostragem utilizada nos estudos, percebe-se uma predominância do sexo masculino. Cinco estudos (31,25%) utilizaram uma amostragem mista com predominância do sexo masculino (Prieto et al., 2014; Leo et al., 2015; Forsmana et al., 2016; Álvarez et al., 2019; Atienza et al., 2020), e 08 (oito) (50%) utilizaram somente uma amostra masculina (Quinteiro et al., 2006; López-López et al., 2013; Castillo et al., 2014; Vaamonde & Ruiz-Barquín, 2015; Balaguer et al., 2018; Verzani et al., 2019; Chamorro et al., 2020; Gómez-Piqueras et al., 2020). Um estudo (6,25%) considerou uma amostra igualmente distribuída entre o sexo masculino e feminino (Møllerlækken et al., 2017). Num estudo (6,25%) houve uma maior proporção de amostra do sexo feminino (Mnedla et al., 2018), e outro (6,25%) não menciona a divisão de amostra entre masculino e feminino (Ruiz et al., 2012). O estudo de Gómez-Piqueras et al. (2020) apresentou a menor amostragem ($n = 109$), e o de Leo et al. (2015) a maior amostragem ($n = 2119$).

Com relação à média de idade das amostras pesquisadas, em 12 estudos, o que representa a maior parte deles (75%), utilizou-se uma amostra abaixo de 18 anos (Quinteiro et al., 2006; Ruiz et al., 2012; Prieto et al., 2014; Castillo et al., 2014; Vaamonde & Ruiz-Barquín, 2015; Forsmana et al., 2016; Møllerlækken et al., 2017; Balaguer et al., 2018; Álvarez et al., 2019; Verzani et al., 2019; Atienza et al., 2020; Chamorro et al., 2020). Três estudos (18,75%) foram realizados com amostra de jogadores de futebol acima de 18 anos (Leo et al., 2015; Mnedla et al., 2018; Gómez-Piqueras et al., 2020), e 01 (um) (6,25%) não informa a média de idade da amostra (López-López et al., 2013).

Quanto aos instrumentos validados, observou-se que 14 estudos (87,5%) eram de validação de construto (Quinteiro et al., 2006; Ruiz et al., 2012; López-López et al., 2013; Castillo et al., 2014; Prieto et al., 2014; Leo et al., 2015; Vaamonde & Ruiz-Barquín, 2015; Forsmana et al., 2016; Møllerlækken et al., 2017; Mnedla et al., 2018; Álvarez et al., 2019; Verzani et al., 2019; Atienza et al., 2020; Gómez-Piqueras et al., 2020), que se caracteriza

pela verificação da relação teórica e estatística entre um construto e a representação comportamental adequada (Pasquali, 2014), através de 01 (um) estudo empírico utilizando somente o instrumento psicométrico a ser validado. Dois estudos (12,5%) realizaram a validade convergente (Balaguer et al., 2018; Chamorro et al., 2020), que consiste na verificação se um teste tem correlação alta com um teste que mede construtos similares (Pasquali, 2007), e utilizaram mais de um instrumento psicométrico.

Considerando os procedimentos estatísticos utilizados para realizar a validação dos instrumentos, a maior parte deles ($n = 5$; 31,25%) utilizou a AFC (Castillo et al., 2014; Møllerlækken et al., 2017; Balaguer et al., 2018; Atienza et al., 2020; Chamorro et al., 2020), e outros 05 (cinco) estudos (31,25%) fizeram uso de dois métodos de Análise Fatorial (Exploratória e Confirmatória), incluindo, nesse caso, o estudo brasileiro (Ruiz et al., 2012; Leo et al., 2015; Forsmana et al., 2016; Verzani et al., 2019; Gómez-Piqueras et al., 2020). Quatro (25%) utilizaram a ACP (Quinteiro et al., 2006; López-López et al., 2013; Prieto et al., 2014; Vaamonde & Ruiz-Barquín, 2015) e 02 (dois) estudos (12,5%) realizaram AFE (Mnedla et al., 2018; Álvarez et al., 2019).

Em relação aos periódicos, 03 (três) estudos (18,75%) foram publicados no *Frontiers in Psychology* (Møllerlækken et al., 2017; Balaguer et al., 2018; Chamorro et al., 2020), 03 (três) estudos (18,75%) no *Cuadernos de Psicología del Deporte* (López-López et al., 2013; Prieto et al., 2014; Atienza et al., 2020), outros 03 (três) (18,75%) no *Psicothema* (Quinteiro et al., 2006; Castillo et al., 2014; Leo et al., 2015), 01 (um) estudo no *Ansiedad y Estrés* (Vaamonde & Ruiz-Barquín, 2015), 01 (um) no *Psychosocial Intervention* (Álvarez et al., 2019), 01 (um) no *Acta Medica Mediterranea* (Mnedla et al., 2018), 01 (um) (6,25%) no *Journal of Sports Sciences* (Forsmana et al., 2016), 01 (um) na *Revista de Psicología del Deporte* (Ruiz et al., 2012), 01 (um) na *Revista Brasileira de Futsal e Futebol* (Verzani et al.,

2019) e 01 (um) no *International Journal of Environmental Research and Public Health* (Gómez-Piqueras et al., 2020), representando ao todo 43,75% do total dos estudos.

Com relação aos indicadores psicométricos utilizados pelos estudos, a Tabela 3, abaixo, descreve os principais pressupostos da validação de instrumentos na Psicologia (Damásio, 2012), especificando se foi realizado o teste de esfericidade (Dziuban & Shirkey, 1974), cálculo do critério de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) e análise paralela (Horn, 1965), além do tipo de rotação de fatores e o cálculo de confiabilidade (Alpha de Cronbach ou Ômega de McDonald), com seus valores.

Tabela 3*Pressupostos da Análise Fatorial em Psicologia*

Nº	Estudo	Teste de				Confiabilidade
		Esfericidade de Bartlett	KMO	Análise Paralela	Rotação de Fatores	
1	Estilo parental transformacional, apoio à autonomia e suas implicações para o esgotamento de atletas adolescentes	Não	Não	Não	Não informado	Alpha de Cronbach $\alpha = 0,81$ a $0,94$
2	Validação da versão árabe-tunisiana do inventário francês de ansiedade competitiva-2 revisado. (CSAI-2R): <i>insights</i> de uma análise fatorial exploratória	Não	Não	Sim	Rotação Oblíqua Geomin	Alpha de Cronbach $\alpha = 0,66$ a $0,85$
3	Adaptação de ISRA-B para jogadores de futebol de alto desempenho	Sim	Sim	Não	Rotação Oblíqua Oblimin	Alpha de Cronbach $\alpha = 0,55$ a $0,76$

4	Adaptação para futebolista (CPRD-F) do questionário CPRD	Sim	Sim	Não	Rotação Ortogonal Varimax	Alpha de Cronbach $\alpha = 0,58$ a $0,76$
5	Validação da versão em espanhol do inventário multidimensio-nal de perfeccionismo em jovens jogadores de futebol	Não	Não	Não	Não informado	Alpha de Cronbach $\alpha = 0,75$ a $0,84$
6	Desenvolvimen-to e validação da Escala de Competência Percebida de Futebol Específica para o Jogo	Não	Não	Não	Não informado	Alpha de Cronbach $\alpha = 0,79$ a $0,95$
7	Adaptação da Escala de Orientação Multidimensio-nal para o espírito esportivo no contexto do futebol juvenil	Sim	Sim	Não	Rotação Ortogonal Varimax	Alpha de Cronbach $\alpha = 0,51$ a $0,59$ (Estudo 1) $\alpha = 0,61$ a $0,75$ (Estudo 2)
8	Análise psicométrica e eficácia do PRIA-RS em jogadores de futebol lesionados	Não	Não	Não	Rotação Oblíqua Oblimin	Alpha de Cronbach $\alpha = 0,64$ a $0,81$
9	Propriedades psicométricas do questionário de ambiente de grupo	Não	Não	Sim	Rotação Ortogonal Oblimin	Alpha de Cronbach $\alpha = 0,87$

10	Adaptação e validação em espanhol do GEQ com jogadores profissionais de futebol	Sim	Sim	Não	Rotação Ortogonal Oblimin	Alpha de Cronbach $\alpha = 0,61$ a $0,84$
11	Análise Psicométrica da Escala de Resiliência no Esporte Futebol.	Sim	Sim	Não	Rotação Ortogonal Oblimin	Alpha de Cronbach $\alpha = 0,49$ a $0,80$
12	Adaptação do MSCI para a medição da coesão em jovens jogadores de futebol espanhóis	Não	Sim	Não	Rotação Ortogonal	Alpha de Cronbach $\alpha = 0,56$ a $0,84$
13	A influência das necessidades psicológicas básicas e da paixão na promoção do desenvolvimento de jovens jogadores de futebol de elite	Não	Não	Não	Não informado	Ômega de McDonald $\Omega = 0,73$ a $0,90$
14	A importância do apoio à autonomia dos treinadores na experiência de lazer e no bem-estar de jovens jogadores de futebol	Não	Não	Não	Não informado	Alpha de Cronbach $\alpha = 0,78$ a $0,93$
15	Uma comparação das percepções dos jogadores e treinadores sobre o clima motivacional criado pelo treinador em times de futebol juvenil	Não	Não	Não	Não informado	Alpha de Cronbach $\alpha = 0,61$ a $0,88$

Propriedades psicométricas da versão em espanhol						Alpha de Cronbach
16	da escala de controle dos comportamentos do treinador no contexto esportivo	Não	Não	Não	Não informado	$\alpha = 0,66$ e $0,183$

Nota: Baseado nos pressupostos de Damásio (2012).

Dos estudos identificados nessa revisão, 05 (cinco) (31,25%) informam a utilização do Teste de Esfericidade de Bartlett (Ruiz et al., 2012; López-López et al., 2013; Prieto et al., 2014; Vaamonde & Ruiz-Barquín, 2015; Leo et al., 2015). Outros 06 (seis) estudos (37,5%) relataram o cálculo do critério de KMO (Quinteiro et al., 2006; Ruiz et al., 2012; López-López et al., 2013; Prieto et al., 2014; Vaamonde & Ruiz-Barquín, 2015; Leo et al., 2015) e 02 (dois) estudos (12,5%) descreveram a utilização do método de retenção de fatores da análise paralela. Quanto ao procedimento de rotação dos fatores, 09 (nove) estudos (56,25%) informaram a realização do mesmo (Quinteiro et al., 2006; Ruiz et al., 2012; López-López et al., 2013; Prieto et al., 2014; Leo et al., 2015; Vaamonde & Ruiz-Barquín, 2015; Mnedla et al., 2018; Verzani et al., 2019; Gómez-Piqueras et al., 2020), sendo três deles que utilizaram a rotação oblíqua (Vaamonde & Ruiz-Barquín, 2015; Mnedla et al., 2018; Gómez-Piqueras et al., 2020), e 06 (seis) a rotação ortogonal (Quinteiro et al., 2006; Ruiz et al., 2012; López-López et al., 2013; Prieto et al., 2014; Leo et al., 2015; Verzani et al., 2019).

Todos os estudos da revisão relatam a realização do procedimento de confiabilidade da estrutura fatorial, sendo que 15 deles (93,75%) efetuaram o cálculo do índice de consistência interna, por meio do Alfa de Cronbach (α) (Quinteiro et al., 2006; Ruiz et al., 2012; López-López et al., 2013; Castillo et al., 2014; Prieto et al., 2014; Vaamonde & Ruiz-Barquín, 2015; Leo et al., 2015; Forsmana et al., 2016; Møllerlækken et al., 2017; Balaguer et al., 2018; Mnedla et al., 2018; Álvarez et al., 2019; Verzani et al., 2019; Atienza et al., 2020; Gómez-Piqueras et al., 2020), e 01 (um) estudo descreveu o cálculo de consistência interna através do Ômega (Ω) de McDonald (Chamorro et al., 2020). Dez estudos (62,5%) descreveram valores dos índices de confiabilidade de, pelo menos, um fator das escalas abaixo de 0,7 (Quinteiro et al., 2006; Ruiz et al., 2012; López-López et al., 2013; Prieto et al., 2014; Castillo et al., 2014; Leo et al., 2015; Vaamonde & Ruiz-Barquín, 2015; Møllerlækken et al., 2017; Mnedla et al., 2018; Gómez-Piqueras et al., 2020).

Para analisar as propriedades psicométricas dos 16 estudos identificados nessa revisão, os autores dos estudos primários utilizaram como método estatístico exclusivamente a ACP, AFE e AFC, sendo possível observar uma preferência de uso de AFE e AFC em detrimento da ACP. A utilização da ACP na Psicologia tem sido desaconselhada pelo fato desta apresentar cargas fatoriais dos itens e comunalidades mais elevadas, além da variância explicada inflada em relação à AFE, que evita esse efeito (Costello & Osborne, 2005; Widaman, 2007; Damásio, 2012).

Dos instrumentos selecionados, apenas um foi adaptado e validado para a população brasileira (Verzani et al., 2019), o qual não foi registrado no Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI). Os demais estudos não apresentam adaptação para o contexto brasileiro, evidenciando a escassez de instrumentos psicométricos para utilização no futebol.

A amostragem dos estudos ficou concentrada na Europa, e com jogadores de futebol masculino abaixo de 18 anos, indicando uma necessidade de maior investigação de aspectos relacionados ao alto rendimento em jogadores e jogadoras de futebol adulto em outros continentes que são praticados os esportes, como as Américas Central e do Sul. Em relação ao tamanho da amostra, aspecto não consensual nos estudos científicos sobre validade de instrumentos, todos os estudos tiveram amostras acima de 100 participantes, considerado ideal por Gorsuch (1983) e Hair et al. (2005).

Menos da metade dos estudos (31,25% e 37,5%) descreveu o primeiro passo para a realização dos procedimentos estatísticos de validade, o critério de KMO e o Teste de Esfericidade de Bartlett, que são os mais utilizados para a verificação de que a matriz de dados pode ser submetida à análise fatorial (Pasquali, 1999). Tal fato dificulta a análise da pertinência dos procedimentos estatísticos realizados nos estudos que não informam esse pressuposto da análise fatorial, visto que, a partir da realização deste teste e do cálculo do

KMO, seguem-se os procedimentos de análise de normalidade da amostra (Costello & Osborne, 2005; Damásio, 2012).

Apenas 02 (dois) estudos (Mnedla et al., 2018; Verzani et al., 2019) informaram a realização do método de retenção de fatores da Análise Paralela. Este consiste na técnica mais eficaz para essa verificação da quantidade de fatores do instrumento, por se basear em amostras e não na população, além de ser menos influenciada pelo tamanho da amostra ou cargas fatoriais dos itens (Zwick & Velicer, 1986; Franklin et al., 1995). A não utilização de um método acurado de retenção de fatores pode interferir na interpretação dos resultados, pela maior ou menor identificação da quantidade de fatores da medida (Hayton et al., 2004; Damásio, 2012).

Com relação aos índices de confiabilidade, 15 estudos utilizam o Alfa de Crobach (α), que consiste no método mais usado em estudos transversais, e que avalia o grau em que os itens de uma matriz de dados possuem correlação (Sijtsma, 2009; Pasquali, 2009). A literatura aponta a seguinte classificação quanto aos valores obtidos no Alfa de Cronbach: $\alpha > 0,90$ = excelente; $\alpha > 0,80$ = bom; $\alpha > 0,70$ = aceitável; $\alpha > 0,60$ = questionável; $\alpha > 0,50$ = pobre; $\alpha < 0,50$ = inaceitável (George & Mallery, 2003). Desses 15 estudos, 09 (nove) (56,25%) apresentam resultado do α entre 0,5 e 0,7, considerados questionáveis ou pobres.

Quanto ao resultado dessa revisão, observou-se que, nos últimos anos, houve um aumento do número de publicações científicas sobre construção, validação e adaptação de instrumentos psicométricos, visto que a maior parte das publicações se concentrou de 2012 a 2020. Percebe-se também que, dos 15 estudos internacionais identificados, não foi observada adaptação para o contexto brasileiro, evidenciando uma carência de investimento em estudos na Psicologia do Esporte do Brasil, especificamente na área da mensuração psicométrica. A escassez de instrumentos aprovados pelo SATEPSI pode sugerir uma possível concentração de estudos na área acadêmica, e a não divulgação dos mesmos na área aplicada da Psicologia

do Esporte, além do desconhecimento por parte de psicólogos atuantes no ramo do esporte em relação ao uso de instrumentos psicométricos validados para o contexto do futebol, e sua aplicabilidade como ferramenta empírica de identificação de fatores psicológicos associados à performance.

O futebol no Brasil promove uma grande mistura de classes sociais e, diferentemente da Europa, marcado pelo elitismo branco, deu ao negro a possibilidade de ascensão social. Também se observa que, no contexto brasileiro, o esporte possui um caráter lúdico que valoriza os elementos da cultura nacional, como a “malandragem”, “jogo de cintura”, sensualidade, capoeira e o samba, além de despertar mais que identificação nos torcedores, mas uma grande paixão (Marques, 2012) e que, por vezes, pode se expressar em agressividade em relação ao rival (Coriolano & Conde, 2016). Todos esses fatores culturais interferem na performance do jogador de futebol profissional no Brasil e, portanto, os instrumentos de Avaliação Psicológica validados ou adaptados nesse contexto devem considerá-los.

A escassez de estudos de validação e de adaptação de instrumentos para o futebol é similar ao encontrado na revisão sistemática de Piezoran et al. (2017), e tem gerado práticas como a utilização de instrumentos não adaptados para o Brasil em avaliações psicológicas na área da Psicologia do Esporte (Piezoran et al., 2017; Silva et al., 2014). É necessária a revisão dessa prática, visto que ela se encontra em desacordo com as normativas técnicas do CFP quanto à adequação do instrumento a partir de estudos realizados com amostras brasileiras. A utilização dos testes psicológicos deve estar acompanhada da observação de critérios de validade para garantir que o resultado de sua avaliação seja de boa qualidade (Souza et al., 2017). Portanto, testes que não possuem estudos de validação e de adaptação no Brasil não podem ser utilizados pelo psicólogo em nenhuma área, inclusive na Psicologia do Esporte.

Nem devem ser utilizados por outros profissionais que não possuem a formação em Psicologia (CFP, 2003).

Considerando a evidência da literatura sobre a necessidade de construção de instrumentos psicométricos para o futebol, a seguir, são apresentados os objetivos deste trabalho.

Objetivos

Geral

Buscar evidências de validade da escala de pensamentos automáticos em jogadores de futebol.

Específicos

- Realizar análise de conteúdo da escala de pensamentos automáticos em jogadores de futebol;
- Aplicar itens da escala com até 80% de concordância dos juízes na análise de conteúdo, em um estudo exploratório;
- Efetuar análise fatorial exploratória dos dados do estudo exploratório da escala de pensamentos automáticos em jogadores de futebol;
- Identificar os índices de fidedignidade da escala de pensamentos automáticos em jogadores de futebol.
- Analisar qualitativamente os fatores obtidos a partir da análise fatorial exploratória.

Método

Pasquali (2004) afirma que a elaboração de itens de uma escala constitui um início do processo de construção de uma medida psicométrica. Os itens correspondem à representação comportamental do traço latente, que consiste no construto psicológico da medida. No caso das escalas desse estudo, o traço latente são os pensamentos automáticos.

Para Reppold et al. (2014), o processo de elaboração dos itens pode ser dividido em:

a) Especificação das categorias comportamentais que representam o objeto psicológico a ser medido:

É feita a partir de indicação de literatura. Considerando que os estudos em TCC e em Psicologia do Esporte apontam que os pensamentos automáticos podem interferir na performance esportiva (Román & Savoia, 2003), esse construto psicológico foi selecionado como traço latente;

b) Definição das dimensões do teste:

A partir da delimitação do construto é realizada a identificação de possíveis dimensões que este possa apresentar conforme indicação da literatura. Foi considerado como referência de dimensões de pensamentos automáticos o modelo teórico de Knapp e Beck (2008), de tipos de pensamentos automáticos disfuncionais. A Tabela 4, abaixo, apresenta esse modelo teórico:

Tabela 4

Distorções Cognitivas (Knapp & Beck, 2008)

Tipo de Pensamento	Características
Automático	
Catastrofização	Pensar que o pior de uma situação irá ocorrer, sem levar a consideração de outros desfechos. Exemplo: “Perder o emprego será o fim da minha vida”.

Emocionalização	Pensar que sentimentos são fatos e deixar que esses guiem a interpretação da realidade. Exemplo: <i>“Eu sinto que minha mulher não gosta mais de mim”</i>
Polarização	Ver a situação em duas categorias apenas, mutualmente exclusivas, ao invés de um <i>continuum</i>. Exemplo: <i>“Devo sempre tirar a nota máxima, ou serei um fracassado”</i>.
Abstração Seletiva	Um aspecto de uma situação complexa é o foco da atenção, enquanto outros aspectos relevantes são ignorados. Exemplo: <i>“A avaliação do meu chefe foi ruim”</i>.
Leitura Mental	Presumir, sem evidências, que sabe o que os outros estão pensando, desconsiderando outras hipóteses possíveis. Exemplo: <i>“Ele não gostou do meu projeto”</i>.
Rotulação	Colocar um rótulo global, rígido em si mesmo, numa pessoa ou situação ao invés de rotular a situação ao o comportamento específico. Exemplo: <i>“Ele é uma pessoa má”</i>.
Maximização e Minimização	Características e experiências positivas em si mesmo, nos outros ou nas situações são minimizadas, enquanto o negativo é destacado. Exemplo: <i>“Eu tenho um ótimo emprego, mas todo mundo tem”</i>.

Imperativos	Interpretar eventos em termos de como as coisas deveriam ser, ao invés de simplesmente focar em como as coisas são. Exemplo: <i>“Eu tenho que ter controle sobre todas as coisas”</i>.
-------------	--

c) Elaboração dos itens:

Nessa etapa, os itens das escalas foram elaborados considerando o traço latente e suas dimensões, com o objetivo de identificar quais são os pensamentos automáticos que interferem na performance de jogadores de futebol profissional. Cada um deles foi formatado para que as respostas fossem de tipo Likert de 05 (cinco) pontos, variando entre 01 (um) (nunca) e 05 (cinco) (sempre), assim como nos estudos de identificação de pensamentos automáticos de Ingram e Wisnicki (1988) e Flor et al. (1993).

A Escala de Pensamentos Automáticos em Jogadores de Futebol (EPAJF) foi construída considerando pensamentos automáticos disfuncionais, que consiste numa distorção da realidade e que são causadores dos transtornos psicológicos (Rangé, 2001), e com pensamentos automáticos funcionais, modificados a partir de uma reestruturação cognitiva. Os fatores da EPAJF foram construídos considerando a perspectiva teórica de Knapp e Beck (2008), sobre os tipos de pensamentos automáticos. O primeiro fator disfuncional da EPAJF é composto de pensamentos automáticos do tipo Catastrofização, Polarização e Abstração Seletiva; o segundo de pensamentos automáticos de Emocionalização e Leitura Mental; e o terceiro de pensamentos automático de Rotulação, Maximização e Minimização e Imperativos. Em cada fator foram construídos itens relacionados ao tipo de pensamento automático do modelo teórico. Abaixo, a Tabela 5 indica as características de cada tipo de cada um dos fatores:

Tabela 5

Fatores Disfuncionais da Escala de Pensamentos Automáticos em Jogadores de Futebol (EPAJF)

Fator	Tipo de Pensamento Automático	Características
<u>Fator 1:</u> Catastrofização, Polarização e Abstração Seletiva	Catastrofização	Pensar que o pior de uma situação esportiva no futebol irá ocorrer, sem levar a consideração de outros desfechos
	Polarização	Pensar que uma situação no futebol só possui duas categorias mutuamente exclusivas, ao invés de um <i>continuum</i>
	Abstração Seletiva	Pensar somente em um aspecto de uma situação complexa no futebol e colocar o foco inteiro nela, ignorando outros aspectos
<u>Fator 2:</u> Emocionalização e Leitura Mental	Emocionalização	Pensar que sentimentos são fatos e deixar que esses guiem a interpretação da realidade em situações no futebol
	Leitura Mental	Pensar que sabe o que os outros estão pensando, desconsiderando outras hipóteses no futebol
<u>Fator 3:</u> Rotulação, Maximização e Minimização	Rotulação	Pensar em si, nos outros ou numa situação por rótulos globais e rígidos em situações no futebol
	Maximização e Minimização	Pensar de forma que as características e experiências em si mesmo, nos outros ou nas

Minimização e	situações do futebol são minimizadas, enquanto o
Imperativos	negativo é destacado
	Pensar em eventos ligados ao futebol em termos
	de como estes deveriam ser, e não como são,
Imperativos	através de criação de demandas a si, a outros ou ao
	mundo ao redor

O primeiro fator funcional da EPAJF foi composto pela reestruturação cognitiva de pensamentos automáticos do tipo catastrofização, polarização e abstração seletiva, e foi nomeado como descatastrofização, despolarização e abstração não-seletiva. O segundo fator foi formado por reestruturação cognitiva de pensamentos automáticos de emocionalização e leitura mental, e foi nomeado como racionalização e leitura objetiva. O terceiro fator de pensamentos automáticos foi constituído por de rotulação, maximização e minimização e imperativos, e foi nomeado como relativização, valorização e descrição. Em cada fator construíram-se itens relacionados ao tipo de pensamento automático do modelo teórico. A EPAJF foi, portanto, construída originalmente com 126 itens. Abaixo, a Tabela 6 indica as características de cada tipo dos fatores funcionais:

Tabela 6

Fatores Funcionais da Escala de Pensamentos Automáticos em Jogadores de Futebol (EPAJF)

	Tipo de	
Fatores	Pensamento	Características
	Automático	

<u>Fator 1:</u>	Descatastrofização	Pensar que outras situações relacionadas ao futebol podem acontecer, levando em consideração de outros desfechos, inclusive positivos
	Descatastrofização, Despolarização e Abstração Não-Seletiva	Pensar que uma situação no futebol pode possuir várias categorias
	Abstração Não-Seletiva	Pensar em vários aspectos de uma situação complexa no futebol, e tirar o foco inteiro no pior, se atentando para outros aspectos
<u>Fator 2:</u>	Racionalização	Pensar que sentimentos não são fatos, observar a diferença entre situação, pensamento e sentimento em situações no futebol
	Racionalização e Leitura Objetiva	Pensar que não é possível ter 100% de certeza do que os outros estão pensando, e considerar outras hipóteses em situações no futebol
	Leitura Objetiva	Pensar em si, nos outros ou numa situação ligada ao futebol, com categorias flexíveis e mutáveis
<u>Fator 3:</u>	Relativização	Pensar de forma que as características e experiências em si mesmo, nos outros ou nas situações no futebol, são valorizadas enquanto o negativo é minimizado
	Relativização, Valorização e Descrição	Pensar em eventos em termos de como estes são através sem criação de demandas a si, a
	Valorização	
	Descrição	

outros ou ao mundo ao redor, em situações no futebol

d) Análise semântica dos itens:

Após a elaboração dos itens, estes foram submetidos ao procedimento teórico de validação do instrumento que consiste na Análise de Conteúdo (Pasquali, 2004). Trata-se da apresentação das escalas a juízes especialistas da versão preliminar dos instrumentos. Três juízes doutores e especialistas em Psicologia do Esporte avaliaram a EPAJF através de um questionário de Análise de Conteúdo Qualitativo, no qual sugeriram, caso achasse necessário, uma modificação do item das duas escalas com uma justificativa, e por um questionário de Análise de Conteúdo Quantitativo, no qual o juiz especialista avaliou cada item da EPAJF em quatro categorias: adequação ao fator, clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica. Cada item foi avaliado em cada categoria numa escala do tipo Likert, variando entre 01 (um) e 05 (cinco) pontos.

Os dados obtidos na Análise de Conteúdo dos itens foram analisados, considerando o grau de concordância entre juízes sobre cada item. Um valor maior ou igual a 80% de concordância indica que o item deve ser mantido na categoria especificada, e um valor abaixo de 20% deve ser reformulado ou excluído (Pasquali, 2004).

Para verificação da adequação dos itens ao objetivo do instrumento, utilizou-se o Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC), desenvolvido por Hernández-Nieto (2002), que é calculado com base na avaliação feita pelos juízes especialistas no questionário de análise de conteúdo-quantitativo. O CVC é calculado em cinco passos: cálculo da média das notas dos juízes, cálculo do CVC inicial para cada item com base na média, cálculo do erro, cálculo do CVC final de cada item e cálculo do CVC final do questionário (Cassepp-Borges et al., 2010).

Após a Análise de Conteúdo, observou-se que 58 itens da EPAJF (30 nos fatores de pensamentos automáticos disfuncionais e 28 nos de funcionais) apresentavam valor igual ou superior a 80% de concordância entre os três juízes, e 26 itens obtiveram 100% de concordância. Para Pasquali (2004), após os procedimentos teóricos de validação de uma medida psicométrica, seguem-se os procedimentos empíricos e analíticos. A seguir, são apresentados elementos dos procedimentos empíricos realizados no estudo exploratório, e procedimentos analíticos nos resultados e discussão deste trabalho.

Participantes

Participaram deste estudo 192 jogadores de futebol de ambos os sexos (X% masculinos e X% femininos), de todas as regiões brasileiras (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul), todos com idade acima de 18 anos. Estes foram convidados a participar por meio de contato *on-line* feito pelo pesquisador do estudo, e o critério de seleção da amostra foi de jogadores de futebol de clubes profissionais do Brasil.

A idade média da amostra foi de 25,48 anos (DP = 6.97), sendo 67% dos sujeitos solteiros, 24% casados, 7% declararam outra opção e 0,5% declararam ser divorciados. Da amostra analisada, 37,5% declararam ter de 6 a 10 anos de carreira, 21,8% entre 11 e 15 anos, 21,3% entre 01 (um) e 05 (cinco) anos, 11% entre 16 e 20 anos e 7% atuam há mais de 20 anos. As religiões predominantes entre os sujeitos foram a evangélica (45%) e católica (38,5%), sendo que 2% declararam seguir a doutrina espírita, 9% declararam não seguir uma religião específica e 4% outra religião.

Instrumentos

Para realizar este estudo, utilizaram-se os seguintes instrumentos:

a) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE):

Através desse instrumento, apresentaram-se aos participantes as informações gerais da pesquisa, e solicitada a atestada a anuência da participação do atleta neste estudo. Também se

informaram nesse termo sobre os responsáveis pelo estudo, acerca do tema, objetivos, instrumentos utilizados, risco referente à participação no estudo, sigilo quanto às informações coletadas e contato do pesquisador (Anexo I).

Após a leitura do texto “*Aceito participar deste estudo de forma voluntária e, na resposta on-line ao questionário, ao clicar em ‘Aceito participar’, declaro que fui informado e esclarecido sobre a presente pesquisa, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito participar deste estudo*”, obteve-se o consentimento dos participantes.

b) Questionário Sociodemográfico:

Através desse instrumento, coletaram-se os seguintes dados sociodemográficos dos participantes do estudo: idade, estado civil, tempo de carreira no futebol, time atual, divisão que o time atual joga, cidade onde nasceu, cidade onde reside e religião (Anexo II).

c) Escala de Pensamentos Automáticos em Jogadores de Futebol (EPAJF):

A versão da escala que foi utilizada no estudo exploratório foi a obtida após a Análise de Conteúdo dos itens com até 80% de concordância dos juízes. Essa versão ficou composta por 58 itens (Anexo III).

Nos fatores disfuncionais da EPAJF, os 30 itens ficaram assim distribuídos: no primeiro fator “Catastrofização, Polarização e Abstração Seletiva”, os itens foram numerados como 1, 5, 9, 13, 17, 21, 25, 29 e 30, dando um total de 10 itens nesse fator. Alguns exemplos do tipo de item desse fator foram: “*Acho que quando erro alguma coisa tudo dará errado depois*” (item 1), e “*Quando minha equipe está perdendo, é impossível reverter a situação*” (item 13). Os itens do segundo fator disfuncional “Emocionalização e Leitura Mental” foram numerados como 2, 6, 10, 14, 18 e 22, representando 06 (seis) itens do total. Alguns exemplos de itens desse fator foram: “*Quando estou jogando mal, acho que vou ser substituído pelo meu técnico*” (item 10), e “*Se não ganharmos, a imprensa irá criticar meu desempenho*” (item 22). E os itens do terceiro fator disfuncional “Rotulação, Maximização e

Minimização e Imperativos”, foram numerados como 3, 4, 7, 8, 11, 12, 15, 16, 19, 20, 23, 24, 26 e 28, evidenciando 14 itens do total, e tendo como exemplos os itens: “*Não consigo trazer bons resultados para minha equipe*” (item 11), e “*Não posso errar para não prejudicar o time*” (item 26).

Nos fatores com pensamentos automáticos funcionais da EPAJF, os 28 itens foram distribuídos da seguinte forma: no primeiro fator “Descatastrofização, Despolarização e Abstração Não-Seletiva” os itens foram numerados como 31, 36, 39, 41, 46, 51 e 55, dando um total de 06 (seis) itens nesse fator. Alguns exemplos do tipo de item desse fator foram: “*Quando jogamos com maioria da torcida contra, acho que me sinto mais motivado a vencer*” (item 6), e “*Quando meu treinador me chama a atenção, preciso prestar atenção apenas no que ele apontar de errado*” (item 21). No segundo fator funcional “Racionalização e Valorização”, os itens foram numerados como 32, 37, 42, 47 e 52, o que representou 05 (cinco) itens do total. Alguns exemplos de itens desse fator foram: “*Os erros que cometo durante o treino não significa que estou fracassando*” (item 7), e “*Mesmo jogando mal, sei que meu técnico e meus companheiros confiam no meu trabalho*” (item 17). E, no terceiro fator funcional “Relativização, Valorização e Descrição”, os itens foram numerados como 33, 34, 35, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 53, 54, 56, 57 e 58, evidenciando 17 itens do total, e tendo como exemplos os itens: “*Consigo contribuir muito para os bons resultados da minha equipe*” (item 9), e “*Tenho que evoluir sempre como jogador profissional*” (item 26).

Procedimentos de Coleta de Dados

Quanto aos aspectos éticos deste estudo, o mesmo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) com Seres Humanos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ), através da Plataforma Brasil, Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 42417220.2.0000.5282, conforme parecer n.º 4.518.630.

O contato com os jogadores de futebol foi feito através de redes sociais (Facebook, Instagram e WhatsApp), e os instrumentos foram apresentados de forma *on-line* aos participantes, através de um formulário do Google Docs. Inicialmente, apresentou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, em seguida, o Questionário Sociodemográfico e EPAJF. Após o preenchimento do formulário, o jogador enviou o mesmo ao pesquisador também de forma *on-line*.

Para conseguir acesso à amostra, foi feito um levantamento dos clubes das séries A, B, C e D do Campeonato Brasileiro de Futebol. Foram identificados 20 clubes na série A, B e C, e 68 clubes na série D. Essa mensagem foi enviada para os perfis de cada um dos clubes identificados no Instagram: *“Olá, meu nome é Daniel Vítor! Sou doutorando em Psicologia Social pela UERJ, e estou fazendo uma pesquisa com jogadores de futebol. Seria possível enviar para os atletas do time (nome do clube enviado) preencherem um formulário de 10min de forma on-line? Desde já agradeço a atenção, e me coloco à disposição para qualquer dúvida”*.

Também foram enviadas mensagens para perfis no Instagram de jogadores de futebol com a seguinte mensagem: *“Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), de um estudo que tem por objetivo identificar pensamentos automáticos que podem interferir na prática esportiva de jogadores de futebol. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais, e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o anonimato de sua participação. Nessas termos, agradecemos a sua colaboração”*.

Os contatos realizados via WhatsApp foram feitos em grupos de profissionais que trabalham em clubes, e que se disponibilizaram a enviar os formulários para os jogadores dos seus times com uma mensagem semelhante à enviada para os perfis dos times de futebol no Instagram.

Análise de Dados

As análises fatoriais foram realizadas por meio do *software* FACTOR versão 11.05.01 (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2017). Para identificar a análise da consistência interna, utilizaram-se o Alfa de Cronbach e o Ômega de McDonald, e esses cálculos foram realizados com o *software* Jasp. Com isso, foi possível verificar adequação dos dados e o levantamento dos indicadores de validade fatorial da medida. Esses procedimentos estatísticos têm por finalidade apontar a existência de uma estrutura subjacente em uma matriz de dados, e indicar o número e a natureza das variáveis latentes (fatores) que melhor representam um conjunto de variáveis observadas. Isso é possível por meio da análise da estrutura das inter-relações de um determinado número de variáveis observadas, definindo, assim, a quantidade de fatores que melhor explicam a sua covariância (Damásio, 2012).

Resultados

Inicialmente, testou-se a adequação de dois modelos. O primeiro foi constituído pelos 58 itens, composto pelos itens com até 80% de concordância entre os juízes no CVC validados na etapa anterior de Análise de Conteúdo, e o segundo modelo foi constituído por 26 itens (dos 58 do primeiro modelo) com 100% de concordância entre os juízes *experts*.

Quanto às evidências baseadas na estrutura interna, a adequação da amostra e a fatorabilidade foram aferidas por meio do índice de adequação da amostra: KMO e da significância da estatística de Bartlett (*Test of Sphericity*). O método de extração utilizado foi *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS - Asparouhov & Muthen, 2010). Esse estimador é mais adequado para dados categóricos (nominais ou ordinais), e possui robustez para lidar com desvios de normalidade. Cargas fatoriais padronizadas $\geq 0,30$ foram consideradas como relevantes. O procedimento realizado para determinar o número de fatores foi a análise paralela com permutação aleatória dos dados observados (Timmerman & Lorenzo-Seva, 2011). O método de rotação utilizado foi *Robust Oblíqua Promin* (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2019). A adequação do modelo foi avaliada por meio dos índices de ajuste *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), *Comparative Fit Index* (CFI) e *Tucker-Lewis Index* (TLI). De acordo com a literatura (Brown, 2006), valores de RMSEA devem ser menores que 0,08, e valores de CFI e TLI devem ser acima de 0,90, ou, preferencialmente, 0,95.

A precisão ou confiabilidade dos resultados foi acessada por meio da análise da consistência interna via Alfa de Cronbach e Ômega de McDonald ($\geq 0,60$ para serem considerados satisfatórios). Os coeficientes foram calculados para diferentes dimensões e, adicionalmente, foi calculado o índice Confiabilidade Composta (CC), como outro indicador de consistência interna (Valentini & Damásio, 2016).

Na análise da estrutura interna, ao considerar o primeiro modelo constituído pelos 58 itens originais, os testes de esfericidade de Bartlett (1966.8, $gl = 1653$, $p < 0,001$) e KMO (0,67) sugerem interpretabilidade ruim da matriz de correlação dos itens. Portanto, prosseguiu-se com as análises do segundo modelo, isto é, composto pelos 26 itens que obtiveram 100% de concordância entre os juízes na etapa de validade de conteúdo. Ao considerar este segundo modelo, os testes de esfericidade de Bartlett (1206.1, $gl = 325$, $p < 0,001$) e KMO (0,70) sugerem uma melhor interpretabilidade da matriz de correlação dos itens. A análise paralela sugeriu 04 (quatro) dimensões como sendo as mais representativas para os dados. Este primeiro modelo foi denominado “Modelo A”. As cargas fatoriais dos itens podem ser observadas na Tabela 7.

Tabela 7

Resultados da Análise Fatorial Exploratória – Modelo A

Descritivo	Variável	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4
Temos que ganhar, senão seremos avaliados negativamente	14	0,607			
Se erro muito no treino, a chance do meu desempenho no jogo ser ruim é maior	16	0,455			
Se não ganharmos, a torcida irá ficar insatisfeita	18	0,611			
Tenho que ser vencedor para ser mais valorizado	20	0,627			
Se não ganharmos, a imprensa irá criticar meu desempenho	22	0,610			

Meu desempenho tem que sempre aumentar a chance do meu time ganhar	23	0,584	
Não posso errar para não prejudicar o time	26	0,328	
Quando meu treinador me chama a atenção, acho que fiz tudo errado no treino	29	0,334	
Se minha equipe for derrotada, e muitos se irritarem depois, nada disso me afetará	31	-0,349	
Sou um bom atleta	33	0,562	
Sou realizado na minha carreira profissional	35	0,506	
Consigo contribuir muito para os bons resultados da minha equipe	39	0,740	
Perder faz parte da prática esportiva	40	0,521	
Se erro muito no treino, penso apenas em acertar mais no próximo treino	48	0,312	
Jogar mal um jogo acontece com qualquer jogador	49	0,690	
Mesmo que meu clube não ofereça estrutura física, posso continuar crescendo profissionalmente	55	0,302	
Acho que quando erro alguma coisa, tudo dará errado depois	1		0,486

Quando estou jogando mal, acho que vou ser substituído pelo meu técnico	10	0,513
Quando minha equipe está perdendo, é impossível reverter a situação	13	0,412
Se erro duas vezes durante treinos e jogos, penso que estou em uma fase ruim	15	0,737
Quando minha equipe perde eu sou sempre o culpado	17	0,334
Se eu jogo mal, penso que estou em uma fase ruim	19	0,692
Quando encaramos um adversário difícil, sempre penso que vamos perder	21	0,557
Quando encaramos um adversário difícil, penso que não somos obrigados a vencer	36	0,330

Os itens “4 - *Meu time é inferior aos outros*” e “42 - *Não me sinto como o único culpado quando meu time perde*” apresentaram carga fatorial abaixo do ponto de corte recomendado (0,30), por isso não constam no modelo. Adicionalmente, após revisão teórica, decidiu-se excluir o item “36 - *Quando encaramos um adversário difícil, penso que não somos obrigados a vencer*”, visto que, mesmo sendo um item de um fator funcional, apresentou correlação com itens dos fatores disfuncionais. Consequentemente, uma nova análise fatorial foi realizada, e gerado o Modelo B. As cargas fatoriais dos itens do Modelo B podem ser observadas na Tabela 8.

Tabela 8*Resultados da Análise Fatorial Exploratória – Modelo B*

Descritivo	Variável	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4
Temos que ganhar, senão seremos avaliados negativamente	14	0,611			
Se erro muito no treino, a chance do meu desempenho no jogo ser ruim é maior	16	0,451			
Se não ganharmos, a torcida irá ficar insatisfeita	18	0,608			
Tenho que ser vencedor para ser mais valorizado	20	0,643			
Se não ganharmos, a imprensa irá criticar meu desempenho	22	0,605			
Meu desempenho tem que sempre aumentar a chance do meu time ganhar	23	0,598			
Quando meu treinador me chama a atenção, acho que fiz tudo errado no treino	29	0,325			
Não posso errar para não prejudicar o time	26		0,301		0,315
Se minha equipe for derrotada, e muitos se irritarem depois, nada disso me afetará	31		-0,347		
Sou um bom atleta	33		0,555		
Sou realizado na minha carreira profissional	35		0,522		

Consigo contribuir muito para os bons resultados da minha equipe	39	0,719
Perder faz parte da prática esportiva	40	0,490
Se erro muito no treino, penso apenas em acertar mais no próximo treino	48	0,347
Jogar mal um jogo acontece com qualquer jogador	49	0,729
Mesmo que meu clube não ofereça estrutura física, posso continuar crescendo profissionalmente	55	0,350
Acho que quando erro alguma coisa, tudo dará errado depois	1	0,506
Quando estou jogando mal, acho que vou ser substituído pelo meu técnico	10	0,513
Quando minha equipe está perdendo, é impossível reverter a situação	13	0,368
Se erro duas vezes durante treinos e jogos, penso que estou em uma fase ruim	15	0,757
Quando minha equipe perde, eu sou sempre o culpado	17	0,350
Se eu jogo mal, penso que estou em uma fase ruim	19	0,735
Quando encaramos um adversário difícil, sempre penso que vamos perder	21	0,497

Como pode ser observado, o item 26 - “*Não posso errar para não prejudicar o time*” apresentou padrão de cargas cruzadas (i.e., itens com cargas fatoriais acima de 0,30 em mais de um fator). Sendo assim, optou-se por excluí-lo do modelo. Consequentemente, uma nova análise fatorial foi realizada para aferição, e elaborado o Modelo C. As cargas fatoriais dos itens podem ser observadas na Tabela 9. Também são reportados os índices de Confiabilidade (alpha de Cronbach e Ômega de McDonald) e de Fidedignidade Composta.

Tabela 9

Resultados da Análise Fatorial Exploratória - Modelo C, Coeficientes de confiabilidade Alpha de Cronbach, Ômega de McDonald e Confiabilidade Composta

Descritivo	Variável	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4
Temos que ganhar, senão seremos avaliados negativamente	14	0,605			
Se erro muito no treino, a chance do meu desempenho no jogo ser ruim é maior	16	0,455			
Se não ganharmos, a torcida irá ficar insatisfeita	18	0,620			
Tenho que ser vencedor, para ser mais valorizado	20	0,643			
Se não ganharmos, a imprensa irá criticar meu desempenho	22	0,597			
Meu desempenho tem que sempre aumentar a chance do meu time ganhar	23	0,587			
Quando meu treinador me chama a atenção, acho que fiz tudo errado no treino	29	0,308			

Se minha equipe for derrotada, e muitos se irritarem, depois nada disso me afetará	31	-0,342	
Sou um bom atleta	33	0,562	
Sou realizado na minha carreira profissional	35	0,518	
Consigo contribuir muito para os bons resultados da minha equipe	39	0,751	
Perder faz parte da prática esportiva	40	0,489	
Se erro muito no treino, penso apenas em acertar mais no próximo treino	48	0,346	
Jogar mal um jogo acontece com qualquer jogador	49	0,732	
Mesmo que meu clube não ofereça estrutura física, posso continuar crescendo profissionalmente	55	0,345	
Acho que quando erro alguma coisa, tudo dará errado depois	1	0,517	
Quando estou jogando mal, acho que vou ser substituído pelo meu técnico	10	0,511	
Quando minha equipe está perdendo, é impossível reverter a situação	13	0,367	
Se erro duas vezes durante treinos e jogos, penso que estou em uma fase ruim	15	0,761	
Quando minha equipe perde, eu sou sempre o culpado	17	0,358	

Se eu jogo mal, penso que estou em uma fase ruim	19				0,735
Quando encaramos um adversário difícil, sempre penso que vamos perder	21				0,497
Confiabilidade composta		0,75	0,63	0,55	0,74
Alpha de Cronbach (α)		0,76	0,60	0,54	0,73
Ômega de McDonald (ω)		0,76	0,60	0,54	0,73

Os índices de ajuste do Modelo C foram adequados (RMSEA = 0,02; CFI = 0,98; TLI = 0,97). A fidedignidade composta dos Fatores 1 e 4 foi de 0,75 e 0,74, respectivamente. Para o Fator 2, o índice foi de 0,63, e para o Fator 3 foi de 0,55. Por fim, os coeficientes de confiabilidade Alpha de Cronbach e Ômega de McDonald foram calculados com os seguintes resultados: fator 1: $\alpha = 0,76$ e $\Omega = 0,76$; fator 2: $\alpha = 0,60$ e $\Omega = 0,60$; fator 3: $\alpha = 0,54$ e $\Omega = 0,54$; e fator 4: $\alpha = 0,73$ e $\Omega = 0,73$. Os fatores 1, 2 e 4 apresentaram índices aceitáveis, e apenas o Fator 3 apresentou índices de Alfa de Cronbach ($\alpha = 0,54$), e Ômega de McDonald ($\omega = 0,54$) pouco abaixo do recomendado pela literatura (Damásio, 2012).

Discussão

A partir da construção dos itens sob o formato de pensamentos automáticos, de acordo com o modelo de Beck e Knapp (2008), analisaram-se os fatores identificados na análise fatorial exploratória. De acordo com o modelo cognitivo da TCC, ao longo da vida do indivíduo, as experiências geram pensamentos e interpretações sobre os eventos de forma geral, que podem ser disfuncionais ou funcionais (Beck, 2014). Tais pensamentos podem estar relacionados com crenças e esquemas cognitivos de acordo com a categorização proposta por Beck (1997, 2014) e Young et al. (2008).

De acordo com a TCC, esquemas se caracterizam por estruturas cognitivas de organização e processamento de informações das representações dos padrões de pensamento adquiridos no início do desenvolvimento do indivíduo, sendo que alguns podem ser desadaptativos e ter um modo de ativação disfuncional (Dobson & Dozois, 2006). Beck (1976) também discutiu o conceito, apontando que estas são estruturas da cognição inter-relacionadas em um sistema de crenças, e que podem surgir ao longo da vida do indivíduo.

O conceito atual de esquema cognitivo em TCC também considera que este atua como filtro mental acerca da interpretação da realidade, e pode ser funcional ou disfuncional. Considerando que a formação dos pensamentos automáticos ocorre a partir das crenças, e que estes podem aparecer diante de situações de sofrimento psicológico (Beck, 2014), os fatores indicados pela análise fatorial exploratória podem se referir a esquemas cognitivos funcionais ou disfuncionais de jogadores de futebol profissional, e que podem interferir diretamente na sua performance.

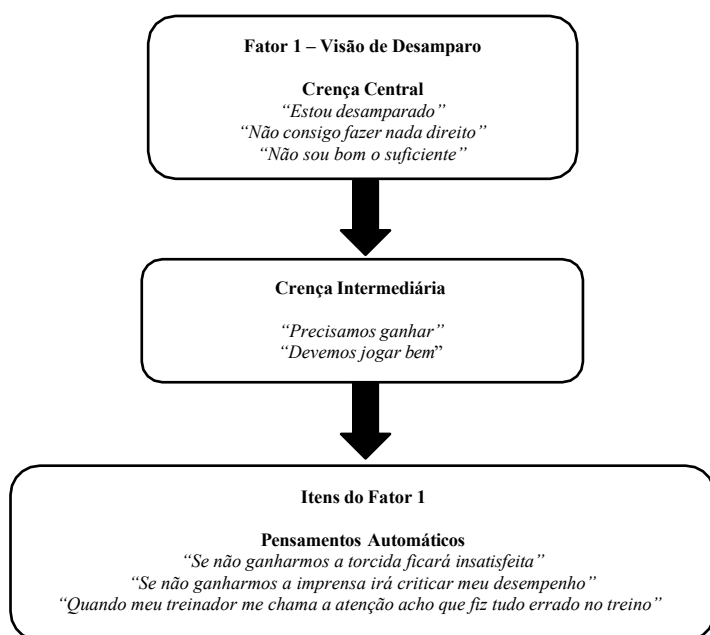
O Fator 1 foi composto de 07 (sete) itens de pensamentos automáticos disfuncionais, e foi nomeado como “Visão de Desamparo”. Nota-se que essa ideia geral dos itens aqui se assemelha com a conceituação de Beck (1999) e Beck (1997, 2014), acerca de um tipo de categoria de crença nuclear negativa ligada ao desamparo, à ideia de abandono. Crenças

nucleares de desamparo poderiam se expressar como *“Estou desamparado”*, *“Não consigo fazer nada direito”* e *“Não sou bom o suficiente”* (Beck, 2014), o que poderia sugerir uma visão de desamparo do jogador de futebol.

Semelhante à descrição de Beck sobre esse tipo de crença nuclear Young et al. (2008) afirmam que indivíduos com esquemas disfuncionais de abandono/desamparo evidenciam instabilidade no vínculo com indivíduos que consideram importantes, de acordo com o seu ciclo psicossocial. Alguns itens do Fator 1, como *“Se não ganharmos, a torcida ficará insatisfeita”*, *“Se não ganharmos, a imprensa irá criticar meu desempenho”* e *“Quando meu treinador me chama a atenção, acho que fiz tudo errado no treino”*, expressam essa instabilidade do jogador de futebol com questões sociais do seu meio esportivo como a torcida, treinador do time e a imprensa, e sinalizam sofrimento advindo de situações de baixa performance. Abaixo, segue a Figura 3, do modelo cognitivo sugerido desse fator (Visão de Desamparo).

Figura 3

Conceituação Cognitiva do Fator 1 da EPAJF — Visão de Desamparo (Beck, 1997)

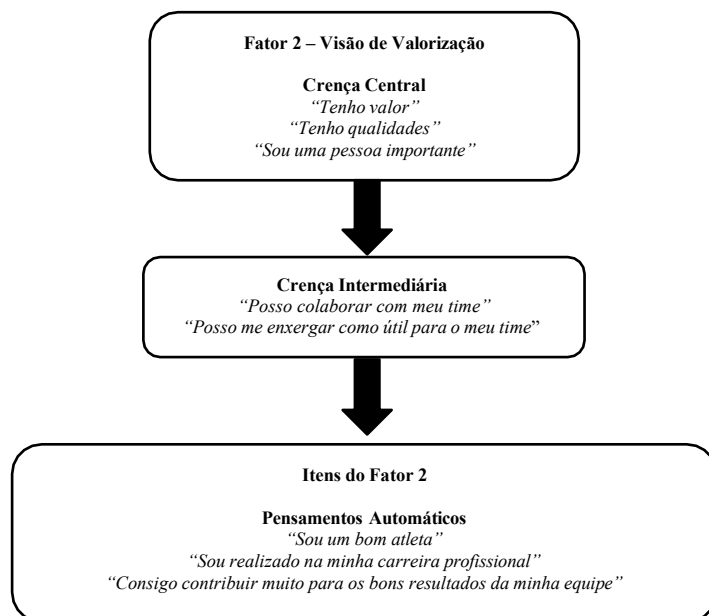


O Fator 2 foi formado por 04 (quatro) itens de pensamentos automáticos funcionais, e foi nomeado como “Visão de Valorização”. Para Beck (1997, 2005, 2014), uma crença disfuncional pode ter uma característica de desvalor, e pode incluir ideias de autodepreciação como: *“Eu não tenho valor”*, *“Sou ruim”* e *“Sou inútil”* (Beck, 2014). Esquemas de desvalorização também foram descritos por Young et al. (2008), como esquema de dependência/incompetência. Indivíduos com essas crenças não se veem como capazes de dar conta das responsabilidades cotidianas sem ajuda de outras pessoas.

No entanto, a partir da reestruturação cognitiva, técnica utilizada na TCC para modificação de crenças disfuncionais (Leahy, 2006), os esquemas de desvalor poderiam indicar uma percepção positiva acerca de si mesmo, e com uma possibilidade maior de autoconfiança com esquemas, como: *“Tenho valor”*, *“Tenho qualidades”* e *“Sou uma pessoa importante”*. O Fator 2 apresenta uma ideia geral de autovalorização, e itens como *“Sou um bom atleta”*, *“Sou realizado na minha carreira profissional”* e *“Consigo contribuir muito para os bons resultados da minha equipe”* evidenciam tipos de pensamentos característicos de uma reestruturação cognitiva de ideias de desvalorização quanto à imagem do jogador de futebol, sua carreira e desempenho. Abaixo, segue a Figura 4, com a conceituação cognitiva do Fator 2 (Visão de Valorização).

Figura 4

Conceituação Cognitiva do Fator 2 da EPAJF - Visão de Valorização (Beck, 1997)



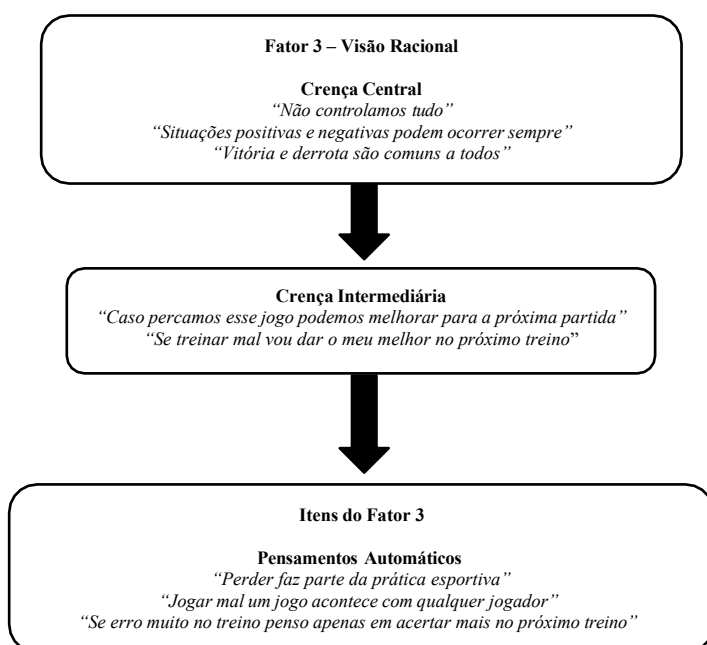
O Fator 3 também foi formado por 04 (quatro) itens, e foi nomeado como “Visão Racional”. Assim como no Fator 2, este apresentou itens com pensamentos automáticos funcionais correlacionados. Na TCC, as análises racionais sobre os fatos são intervenções pertinentes quanto à reestruturação cognitiva de esquemas disfuncionais, ajudando o paciente a desenvolver um estilo funcional de processamento de informações que estão relacionadas com sentimentos e comportamentos mais adaptativos (Beck, 2014). A técnica de racionalização é baseada nesse pressuposto da TCC, e é muito utilizada para a modificação de crenças disfuncionais (Leahy, 2006), além de fazer com que as emoções também mudem (Beck, 1997).

Beck não descreve um esquema cognitivo com características da racionalidade, mas, de acordo com Young et al. (2008), esquemas de fracasso no domínio II de autonomia e desempenho prejudicados, estão ligados às áreas de atividades como o trabalho, e podem ser considerados opostos aos pensamentos racionais. O Fator 3 apresenta uma ideia geral sobre fatos ligados ao futebol de maneira realista, aproximando-se de uma reestruturação cognitiva

de esquemas disfuncionais de fracassos (Leahy, 2006). Itens como *“Perder faz parte da prática esportiva”*, *“Jogar mal um jogo acontece com qualquer jogador”* e *“Se erro muito no treino penso apenas em acertar mais no próximo treino”*, apontam uma percepção por parte do jogador de futebol mais coerente com eventos reais de sua prática esportiva. A Figura 5 apresenta a conceituação cognitiva do Fator 3 (Visão Racional).

Figura 5

Conceituação Cognitiva do Fator 3 da EPAJF - Visão Racional (Beck, 1997) e Young et al. (2008)

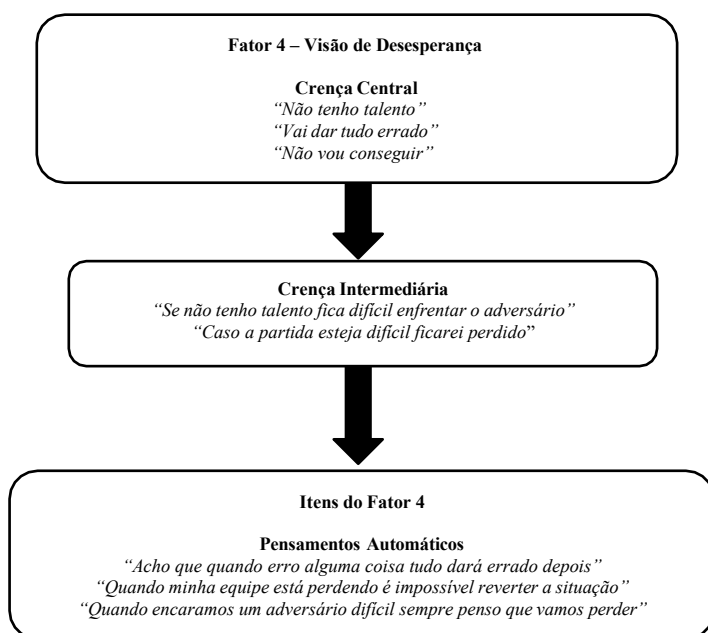


Diferentemente dos Fatores 2 e 3, e semelhante ao Fator 1, o Fator 4 apresenta 07 (sete) itens de pensamentos automáticos disfuncionais, e foi nomeado como “Visão de Desesperança”. Alguns estudos em TCC apontam que pensamentos com características negativas em relação ao ambiente estão relacionados ao processo depressivo (Wright et al., 2008). A análise inicial da ideia geral do Fator 4 não se encaixou nos modelos de crenças nucleares de desamparo, ligada ao Fator 1, desamor e desvalor, ligado ao Fator 3, propostos por Beck (1997, 2014).

No entanto, Young et al. (2008) descreveram esquemas de negativismo e pessimismo no domínio V ligado a comportamentos de supervigilância e inibição. Para os autores, os indivíduos que apresentam esses esquemas possuem foco generalizado nos fatos negativos da vida, como sofrimento, perda, decepção e problemas não resolvidos. A ideia central do fator fica melhor representada considerando esse esquema, visto que ele traz a perspectiva do pior cenário em situações ligadas à atividade esportiva do jogador de futebol. Itens como *“Acho que quando erro alguma coisa tudo dará errado depois”*, *“Quando minha equipe está perdendo é impossível reverter a situação”* e *“Quando encaramos um adversário difícil sempre penso que vamos perder”*, demonstram o negativismo do esquema que ocasiona a desesperança no jogador de futebol. A Figura 6 apresenta a conceituação cognitiva do Fator 4 da EPAJF (Visão de Desesperança).

Figura 6

Conceituação Cognitiva do Fator 4 da EPAJF - Visão de Desesperança (Young et al., 2008).



Quanto às evidências estatísticas de confiabilidade dos fatores, pode-se perceber que estas apresentaram problemas. Os Fatores 1 e 4 (Visão de Desamparo e Visão de

Desesperança) evidenciaram Alfa de Cronbach $\alpha = 0,76$ e $0,73$, respectivamente, considerados aceitáveis ($\alpha \geq 0,70$ = aceitável, Damásio, 2012). O Fator 2 (Visão de Valorização) apontou o $\alpha = 0,60$, e o fator 3 (Visão Racional) possui $\alpha = 0,54$, considerados questionáveis ($\alpha \geq 0,60$ = questionável, Damásio, 2012). No entanto, a partir da revisão sistemática realizada neste trabalho, sobre os instrumentos construídos, validados ou adaptados para o futebol, dos 16 estudos encontrados, 10 apresentam, pelo menos, 01 (um) fator com resultado do Alfa de Cronbach questionável, ou seja, $\alpha \geq 0,60$ (Quinteiro et al., 2006; Ruiz et al., 2012; López-López et al., 2013; Prieto et al., 2014; Castillo et al., 2014; Leo et al., 2015; Vaamonde & Ruiz-Barquín, 2015; Møllerlækken et al., 2017; Mnedla et al., 2018; Gómez-Piqueras et al., 2020). A partir disso, observa-se um problema relacionado ao índice de consistência interna da EPAJF, semelhante a outros estudos com instrumentos com jogadores de futebol.

Com relação aos procedimentos estatísticos realizados nesse estudo, destaca-se que as recomendações de procedimentos adequados foram seguidas como utilização da AFE, em detrimento da ACP, assim também como identificado na maior parte dos estudos da revisão sistemática, além da rotação oblíqua e não ortogonal, e análise paralela (Costello & Osborne, 2005). Tal fato pode assegurar uma maior possibilidade de não superdimensionamento do número de fatores existentes na EPAJF, e maior precisão na quantidade de fatores identificados. Quanto ao número mínimo de itens, os 4 Fatores possuem número acima de 04 (quatro), o que pode ser considerado adequado (Costello & Osborne, 2005).

Dentre os problemas encontrados neste estudo, encontra-se o tamanho da amostra. Apesar deste estudo ter sido realizado com 192 jogadores de futebol, número acima de 100 participantes, e considerado ideal por Gorsuch (1983) e Hair et al. (2005), outros autores apontam que AFE é um procedimento de “amostra grande”, e os resultados tendem a ter menos evidência se a amostra for muito pequena (Costello & Osborne, 2005). No entanto,

destaca-se que, comparando esse estudo com os identificados na revisão sistemática de literatura desse trabalho, a amostra de 192 jogadores de futebol é maior que a de seis estudos (Quinteiro et al., 2006; Ruiz et al., 2012, Prieto et al., 2014; Vaamonde & Ruiz-Barquín, 2015; Verzani et al., 2019; Gómez-Piqueras et al., 2020).

Também se ressalta a grande dificuldade de acessar a amostra de jogadores de futebol. Dos 128 clubes contatados pela rede social do Instagram, apenas sete responderam à mensagem. A maior parte das respostas se deu por meio de envio do *link* com o formulário da pesquisa através dos profissionais que trabalhavam nos clubes, os quais enviaram aos jogadores para o preenchimento. Tal fato evidencia a cultura típica do futebol brasileiro, marcada cada vez mais pela inacessibilidade do jogador de futebol, e grande preocupação dos mesmos com a “exposição”.

Diante dos problemas expostos quando ao tamanho da amostra, faz-se necessária a realização de novos estudos para verificar índices de validade da medida com outras e maiores amostras.

Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo a construção e validação de um instrumento psicométrico com base no modelo cognitivo de Beck (2014), para avaliação de pensamentos automáticos em jogadores de futebol. Inicialmente, 126 itens foram construídos, considerando as etapas de construção de itens de uma escala psicométrica. A partir da Análise de Conteúdo, primeira etapa de validação de um instrumento psicométrico (Pasquali, 1999), obtiveram-se 58 itens com até 80% de concordância entre juízes especialistas, modelo utilizado no estudo exploratório. Em seguida, a AFE com os dados desse primeiro estudo evidenciou que o modelo com 22 itens e 04 (quatro) fatores possui consistência interna e índices psicométricos adequados.

A construção da EPAJF teve como base a TCC. Os itens foram construídos sob a perspectiva de um modelo de tipos de pensamentos automáticos de acordo com Beck e Knapp (2008), e a interpretação dos 04 (quatro) fatores indicados pela AFE teve como base o modelo cognitivo de Beck (1997, 2014), que considera a relação dos pensamentos automáticos com as crenças centrais, e aponta o tipo de crenças nucleares, como desamparo (Fator 1 - Visão de Desamparo) e desvalor (Fator 2 - Visão de Valorização - Reestruturação Cognitiva). O Fator 3 (Visão Racional) teve como suporte o processo de racionalização descrito também por Beck (1997, 2014), o que pode indicar um novo tipo de crença nuclear específica com conteúdo racional.

Considerando que não se observou uma correspondência com nenhuma crença nuclear na ideia expressa no Fator 4 (Visão de Desesperança), utilizou-se o suporte teórico dos tipos de esquemas descritos por Young et al. (2008). Como se trata de uma teoria que teve como ponto de partida os pressupostos de Beck, apesar das diferenças dos protocolos de terapia, considera-se que esta também se refere a um tipo de TCC, e que compartilha pressupostos teóricos importantes.

A construção de uma medida psicométrica voltada para a avaliação de um dos fatores psicológicos que estão relacionados com a performance no jogador de futebol, constitui a principal contribuição para a área da Psicologia do Esporte. Com um instrumento específico para este público a possibilidade de identificação de questões psicológicas que diminuam o desempenho é maior, tornando, assim, a elaboração de estratégias de intervenção na preparação psicológica profissional mais eficaz. Quanto à contribuição teórica deste trabalho, destaca-se a identificação da correlação estatística de tipos de pensamentos automáticos disfuncionais e funcionais, indicados pelos estudos anteriores em TCC, e a indicação que estes podem refletir esquemas cognitivos conforme indicado pelo modelo cognitivo de Beck (2014), além da apresentação de uma medida psicométrica com base na TCC diante da escassez de instrumentos com essa abordagem (Froeseler et al., 2013).

Por fim, é necessário apontar a necessidade da realização de outros estudos empíricos para que seja efetuada uma AFC, levando em conta o tamanho da amostra, uma das principais limitações deste estudo. Sugere-se, portanto, a realização de novas investigações com amostras maiores para verificar a consistência interna da medida.

Referências

- Abreu, A., A., Castro, H. A. M., & Teodoro, M. L. M. (2013). Escala de Pensamentos Automáticos para Crianças e Adolescentes (EPA): Adaptação e Psicométricas. *Psico-USF*, 18(1), 89-98.
- Almeida, L. S., Azzi, R. G., Bidutte, L. C., & Raposo, J. J. B. V. (2005). Agressividade em Jogadores de Futebol: Estudo com Atletas de Equipes Portuguesas. *Psico-USF*, 10(2), 179-184.
- Álvarez, O., Castillo, I., & Moreno-Pellicer, R. (2019). Transformational Parenting Style, Autonomy Support, and their Implications for Adolescent Athletes' Burnout. *Psychosocial Intervention*, 28(2), 91-100.
- Anastasi, A., & Urbina, S. (2000). *Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Andrade, A. L., Menandro, P. R. M., & Sousa, D. V. G. (2014). *Aspectos Psicossociais da Condição de Torcedor de Futebol*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil.
- Arena, S. S., & Bohme, M. T. S. (2000). Programa de Iniciação e Especialização Esportiva na Grande São Paulo. *Revista Paulista de Educação Física de São Paulo*, 14(2), 184-195.
- Asparouhov, T., & Muthen, B. (2010). *Simple second order chi-square correction*.
Manuscrito não publicado.
https://www.statmodel.com/download/WLSMV_new_chi21.pdf.
- Atienza, F., Appleton, P., Hall, H. K., Castillo, I., & Balaguer, I. (2020). Validation of the Spanish version of multidimensional inventory of perfectionism in young footballers. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 20(1), 118-129.

- Bagni, G., Barbosa, C. G., Beretta, V., Lima, E. M. R., & Machado, A. A. (2012). A influência da torcida na performance de jogadores brasileiros de futsal: um viés da psicologia do esporte. *Revista Coleção Pesquisa em Educação Física*, 11(4), 17-24.
- Bahls, S. C., & Navolar, A. B. B. (2004). Terapia Cognitivo-Comportamental: Conceitos e Pressupostos Teóricos. *Revista Eletrônica de Psicologia PsicoUTP - Online*, 4, 1-11.
- Balaguer, I., Castillo, I., Cuevas R., & Atienza, F. (2018). The Importance of Coaches' Autonomy Support in the Leisure Experience and Well-Being of Young Footballers. *Frontiers in Psychology*, 9, 1-9.
- Bartholomeu, D., Montiel, J. M., & Machado, A. A. (2014a). Validity of Internal Structure of the Competitive State Anxiety Inventory in a Brazilian Sample. *Motriz*, 20(2), 158-166.
- Bartholomeu, D., Montiel, J. M., Machado, A. A., & Rueda, F. J. M. (2014b). Análisis de la Estructura Factorial del STAI-T en una Muestra de Deportistas Brasileños. *Acta Colombiana de Psicología*, 17(2), 123-132.
- Beck, A. T. (1976). *Cognitive therapy and the emotional disorders*. New York: International Universities Press.
- Beck, A. T. (1999). Cognitive aspects of personality disorders and their relation to syndromal disorders: A psychoevolutionary approach. In C. R. Cloninger (Ed.), *Personality and psychopathology* (pp. 411-429). Washington, DC: American Psychiatric Press.
- Beck, A. T. (2005). The current state of cognitive therapy: A 40-year retrospective. *Archives of General Psychiatry*, 62, 953-959.
- Beck, J. S. (1997). *Terapia Cognitiva: Teoria e Prática*. Porto Alegre: Artmed.
- Beck, J. S. (2014). *Terapia Cognitivo-Comportamental: Teoria e Prática*. Porto Alegre: Artmed.

- Borrego, C. M. C., Leitão, J. C., Alves, J., Silva, C., & Palmi, J. (2009). Análise Confirmatória do Questionário de Satisfação do Atleta: Versão Portuguesa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(1), 110-120.
- Brandão, M. R. (1995). Psicologia do Esporte. In A. F., Neto, S. V. Goellner, & V. Bracht (Orgs.). *As Ciências do Esporte no Brasil*. Campinas: Autores Associados.
- Brewer, B. W., & Raalte, J. L. V. (2011). *Psicologia do Esporte*. São Paulo: Santos.
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York: Guilford Publications.
- Bueno, J. M. H., & Peixoto, E. M. (2018). Avaliação psicológica no Brasil e no mundo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38, 108-121.
- Cassepp-Borges, V., Balbinotti, M. A. A., & Teodoro, M. L. M. (2010). Tradução e Validação de Conteúdo: Uma Proposta para Adaptação de Instrumentos. In L. Pasquali. *Instrumentação Psicológica - Fundamentos e Práticas*. Porto Alegre: Artmed.
- Castellani, R. M. (2014). Futebol e Psicologia do Esporte: Contribuições da Psicologia Social. *Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, 12(2), 94-113.
- Castillo, I., Tomás, I., Ntoumanis, N., Bartholomew, K., Duda J. L., & Balaguer, I. (2014). Psychometric properties of the Spanish version of the Controlling Coach Behaviors Scale in the sport context. *Psicothema*, 26(3), 409-414. 10.7334/psicothema2014.76
- Chamorro, J. L., Moreno, R., García-Calvo, T., & Torregrossa, M. (2020). The Influence of Basic Psychological Needs and Passion in Promoting Elite Young Football Players' Development. *Frontiers in Psychology*, 11, 1-10,
- Conselho Federal de Psicologia (2003). *Resolução CFP N° 002/2003*.
- Coriolano, A. M. M., & Conde, E. F. Q. (2016). Fanatismo e Agressividade em Jogadores de Futebol. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 6(2), 42-56.

- Costa, V. T., Albuquerque, M. R., Lopes, M. C., Noce, F., Costa, I. T., Ferreira, R. M., & Samulski, D. M. (2011). Validação da Escala de Motivação no Esporte (SMS) no Futebol para a Língua Portuguesa Brasileira. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 25(3), 537-546.
- Costello, A. B., & Osborne, J. W. (2005). Best practices in exploratory factor analysis: Four recommendations for getting the most from your analysis. *Practical Assessment, Research & Evaluation*, 10(7), 1-9.
- Cozac, J. R. L. (2003). *Com a Cabeça na Ponta da Chuteira: Ensaio sobre Psicologia do Esporte*. São Paulo: Annablume.
- Damásio, B. (2012). Uso da Análise Fatorial Exploratória em Psicologia. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 213-228.
- De Rose Junior, D. R. (1998). Lista de Sintomas de “Stress” Pré-Competitivo Infanto-Juvenil: Elaboração e Validação de um Instrumento. *Revista Paulista de Educação Física*, 12(2), 126-133.
- Dobson, D., & Dobson, K. S (2010). *A Terapia Cognitivo-Comportamental Baseada em Evidências*. Porto Alegre: Artmed.
- Dobson, K. S., & Dozois, D. J. A. (2006). *Fundamentos Históricos e Filosóficos das Terapias Cognitivo-Comportamentais*. Porto Alegre: Artmed.
- Dowell, T. L., Waters, A. M., Usher, W., Farrell, L. J., Donovan, C. L., Modecki, K. L., ... & Hinchey, J. (2021). Tackling Mental Health in Youth Sporting Programs: A Pilot Study of a Holistic Program. *Child Psychiatry & Human Development*.
- Dziuban, C. D., & Shirkey, E. C. (1974). When is a correlation matrix appropriate for factor analysis? Some decision rules. *Psychological Bulletin*, 81(6), 358-361.

- Fernandes, M. G., Vasconcelos-Raposo, J., & Fernandes, H. M. (2012). Propriedades Psicométricas do CSAI-2 em Atletas Brasileiros. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(4), 679-687.
- Ferrando, P. J., & Lorenzo-Seva, U. (2017). Program FACTOR at 10: origins, development and future directions. *Psicothema*, 29(2), 236-241. 10.7334/psicothema2016.304
- Flor, H., Behle, J. B., & Birbaumer, N. (1993). Assessment of Pain-Related Cognitions in Chronic Pain Patients. *Behavior Research and Therapy*, 31(1), 63-73.
- Forsmana, H., Gråsténa, A., Blomqvistc, M., Davids, K., Liukkonena, J., & Kontinen, N. (2016). Development and validation of the Perceived Game-Specific Soccer Competence Scale. *Journal of Sports Sciences*, 34(14), 1319-1327.
- Franklin, S. B., Gibson, D. J., Robertson, P. A., Pohlmann, J. T., & Fralish, J. S. (1995). Parallel Analysis: A method for determining significant principal components. *Journal of Vegetation Science*, 6(1), 99-106.
- Frischknecht, G., Pesca, A. D., & Cruz, R. M. (2016). Adaptation and Validation of Sport-Confidence Measure to Gymnasts and Football Players. *Psico-USF*, 21(3), 536-549.
- Froeseler, M. V. G., Santos, J. A. M., & Teodoro, M. L. M. (2013). Instrumentos para Avaliação de Pensamentos Automáticos: Uma Revisão Narrativa. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 9(1), 42-50.
- Garcia, R. P., & Borsa, J. C. (2016). A Prática da Avaliação Psicológica em Contextos Específicos. *Temas em Psicologia*, 24(4), 1549-1560.
- Geisler, G., & Leith, L. M. (2007). A Reversal Theory Perspective on the Motivational States of Soccer Players in Canada, Germany, and Japan. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 1(1), 01-19.
- George, D., & Mallery, P. (2003). *SPSS for Windows step by step: A simple guide and reference. 11.0 update.* (4th ed.). Boston: Allyn& Bacon.

- Gomes, A. R., Pereira, A. P., & Pinheiro, A. R. (2008). Liderança, Coesão e Satisfação em Equipes Desportivas: Um Estudo com Atletas Portugueses de Futebol e Futsal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 482-491.
- Gómez-Piqueras, P., Arderu, C., Prieto-Ayuso, A., Robles-Palazón, FJ, Cejudo, A., Sainz de Baranda, P., & Olmedilla, A. (2020). Análise psicométrica e eficácia do questionário de Prontidão Psicológica de Atleta Lesionado para Retornar ao Esporte (PRIA-RS) em jogadores de futebol lesionados. *Jornal internacional de pesquisa ambiental e saúde pública*, 17(5), 1536.
- Gonçalves, M. P., & Alchieri, J. C. (2010). Adaptação e Validade da Escala de Motivação à Prática de Atividades Físicas (MPAM-R). *Avaliação Psicológica*, 9(1), 129-138.
- Gorsuch, R. L. (1983). *Factor analysis* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Hayassaka, T. A. C., & Marques, P. G. (2016). Validação do *Function Observational Learning Questionnaire* para o Português - Brasil. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 32(3), 1-8.
- Hayton, J. C., Allen, D. G., & Scarpello, V. (2004). Factor retention decisions in exploratory factor analysis: A tutorial on parallel analysis. *Organizational Research Methods*, 7(2), 191-207.
- Helal, R. (1990). *O que é Sociologia do Esporte*. São Paulo: Editora Brasiliense. (1ª ed.) pp. 79.
- Helal, R., & Teixeira, J. P. V. (2011). O Racismo no Futebol Carioca na Década de 1920: Imprensa e Invenção das Tradições. *Revista de Ciências Sociais*, 42(1), 77-88.
- Hernandez, J. A. E. (2011). João Carvalhaes, um Psicólogo Campeão do Mundo de Futebol. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 11(3), 1027-1049.

- Hernandez, J. A. E., & Voser, R. C. (2012). Validação da Escala de Liderança para o Esporte: Versão Preferência dos Atletas. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 32(1), 142-157.
- Hernández-Nieto, R. A. (2002). *Contributions to Statistical Analysis*. Mérida: Universidad de Los Andes.
- Hofmann, S. G., & DiBartolo, P. N. (2000). An Instrument to Assess Self-Statements During Public Speaking: Scale Development and Preliminary Psychometric Properties. *Behavior Therapy*, 31(3), 499-515.
- Horn, J. L. (1965). A rationale and technique for estimating the number of factors in factor analysis. *Psychometrika*, 30(1), 179-185.
- Ingram, R. S., & Wisnicki, K. S. (1988). Assessment of Positive Automatic Cognition. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 56(6), 898-902.
- Knapp, P., & Beck, A. T. (2008). Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapia cognitiva. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 30, s54-s64.
- Knijnik, J. D., & Moraes, D. S. C. (2009). Estudo Qualitativo sobre a Opinião de Atletas Juvenis de Tênis de Campo sobre a sua Preparação Psicológica para a Competição. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(2), 97-113.
- Krantz, S., & Hammen, C. (1979). Assessment of Cognitive Bias in Depression. *Journal of Abnormal Psychology*, 88(6), 611-619.
- Kruk, M., Blecharz, J., Boberska, M., Zarychta, K., & Luszczynska, A. (2017). Mental Strategies Predict Performance and Satisfaction with Performance Among Soccer Players. *Journal of Human Kinetics*, 59, 79-90.
- Kuyken, W., & Padesky, C. A. (2010). *Conceitualização de Casos Colaborativa: O Trabalho em Equipe com Pacientes em Terapia Cognitivo-Comportamental*. Porto Alegre: Artmed.

- Leahy, R. L. (2006). *Técnicas de Terapia Cognitiva: Manual do Terapeuta*. Porto Alegre: Artmed.
- Leo, F. M., González-Ponce, I., Sánchez-Oliva, D., Pulido, J. J., & García-Calvo, T. (2015). Adaptation and validation in Spanish of the Group Environment Questionnaire (GEQ) with professional football players. *Psicothema*, 27(3), 261-268.
10.7334/psicothema2014.247
- López-López, I. S., Jaenes-Sánchez, J. C., & Cárdenas-Vélez, D. (2013). Adaptación para futbolistas (CPRD-F) del cuestionario “características psicológicas relacionadas con el rendimiento deportivo” (CPRD). *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 13(2), 21-30.
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2019). Robust Promin: a method for diagonally weighted factor rotation. *LIBERABIT, Revista Peruana de Psicología*, 25, 99-106.
10.24265/liberabit.2019.v25n1.08
- Lucena-Santos, P., Pinto-Gouveia, P., & Oliveira, M. S. (2015). *Terapias comportamentais de terceira geração: guia para profissionais*. Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Lundqvist, C. (2020). Ending an Elite Sports Career: Case Report of Behavioral Activation Applied as an Evidence Based Intervention with a Former Olympic Athlete Developing Depression. *Sport Psychologist*, 34(4), 329-336.
- Mahl, A. C., & Raposo, J. V. (2007). Perfil Psicológico de Prestação de Jogadores Profissionais de Futebol do Brasil. *Revista Portuguesa de Ciência do Desporto*, 7(1), 80-91.
- Manfro, G. G., Heldt, E., Cordioli, A. V., & Otto, M. W. (2008). Terapia Cognitivo-Comportamental no Transtorno de Pânico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 30(2), 81-87.

- Marques, J. C. (2012). *O Futebol em Nelson Rodrigues: O Óbvio Ululante, O Sobrenatural Almeida e outros Temas*. (2ª ed.). São Paulo: Educ.
- Martens, R., Vealey, R. S., & Burton, D. (1990). *Ansiedade competitiva no esporte*.
[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=MNldMfnlb0cC&oi=fnd&pg=PR7&dq=Martens+et+al.+\(1990&ots=d32ia2Ay1K&sig=FObfWzqo97F9jMT_gN0dzq9oCeQ](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=MNldMfnlb0cC&oi=fnd&pg=PR7&dq=Martens+et+al.+(1990&ots=d32ia2Ay1K&sig=FObfWzqo97F9jMT_gN0dzq9oCeQ)
- Melo, G. F., & Filgueiras, A. (2019). Métodos Quantitativos de Avaliação Psicológica na Psicologia do Esporte. In Conde, E. F. Q., Filgueiras, A., Angelo, L. F., Pereira, A. B., & Carvalho, C. A. (Orgs.), *Psicologia do Esporte e do Exercício: Modelos Teóricos, Pesquisa e Intervenção*. (pp. 15-32). São Paulo: Pasavento.
- Mnedla, S., Bragazzi, N. L., Chiorri, C., Elloumi, A., & Briki, W. (2018). Validation of the arabic-tunisian version of the french competitive state anxiety inventory-2 revised (csai-2r): Insights from an exploratory factor analysis. *Acta Medica Mediterranea*, 34, 377-382.
- Møllerlækken, N. E., Lorås, H., & Pedersen, A. V. (2017). A Comparison of Players' and Coaches' Perceptions of the Coach-Created Motivational Climate within Youth Soccer Teams. *Frontiers in Psychology*, 8, 1-8,
- Montiel, J. M., Bartholomeu, D., & Costa, K. (2016). A Necessidade de Práticas de Avaliação Psicológica no Contexto Desportivo. In *Novas Perspectivas para Avaliação em Psicologia do Esporte e do Exercício Físico*. Curitiba: Editora CRV.
- Muotri, R. W., Nunes, R. P., & Bernik, M. A. (2007). Exercício Aeróbio como Terapia de Exposição a Estímulos Interoceptivos no Tratamento do Transtorno de Pânico. *Revista Brasileira de Medicina Esportiva*, 13(5), 327-330.

- Nobre, P. J., & Pinto-Gouveia, J. (2003). Sexual modes questionnaire: measure to assess the interaction among cognitions, emotions, and sexual response. *Journal of Sex Research*, 40(4), 368-382. 10.1080/00224490209552203
- Olmedilla, A., Moreno-Fernandez, I. M., Gomez-Espejo, V., Robles-Palazon, F. J., Verdu, I., & Ortega, I. (2019). Psychological Intervention Program to Control Stress in Youth Soccer Players. *Frontiers in Psychology*, 40, 1-8.
- Öst, L., & Hugdahl, K. (1981). Acquisition of Phobias and Anxiety Response Patterns in Clinical Patients. *Behavior Research and Therapy*, 19(5), 439-447.
- Pasquali, L. (1999). *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM/ IBAPP.
- Pasquali, L. (2004). *Psicometria - Teoria dos Testes na Psicologia e na Educação*. Petrópolis: Vozes.
- Pasquali, L. (2007). Validade dos Testes Psicológicos: Será Possível Reencontrar o Caminho? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23, 99-107.
- Pasquali, L. (2009). Psicometria. *Revista Escala de Enfermagem da USP*, 43, 992-999.
- Pérez-Córdoba, E. A. (2013). Análisis Teórico del Proceso de Intervención Psicológica en el Deporte. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 13(2), 113-124.
- Pesca, A. D. (2004). *Intervenção Psicológica em um Trabalho Interdisciplinar na Recuperação de Atletas Lesionados de Futebol*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Pierozan, G. C., Paza, D. L. S., Kuczynski, K. M., & Stefanello, J. M. S. (2017). Instrumentos para Avaliação de Estresse em Atletas: Uma Revisão Sistemática. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 7(1), 57-75.

- Prieto, J. L., Delgado, F. J. H., Caro, L. G. C., & Preciado, A. V. G. (2014). Adaptación de la Escala Multidimensional de Orientaciones hacia la Deportividad al contexto del fútbol alevín. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 14(2), 71-80.
- Primi, R. (2003). Inteligência: Avanços nos Modelos Teóricos e nos Instrumentos de Medida. *Avaliação Psicológica*, 1, 67-77.
- Quinteiro, E. M. G., Casal, M. R., Andrade, E. M., & Arce, C. (2006). Adaptación del cuestionario MSCI para la medida de la cohesión en futbolistas jóvenes españoles. *Psicothema*, 18(3), 668-672.
- Raalte, J. L. V., & Brewer, B. W. (2011). *Psicologia do Esporte*. São Paulo: Santos.
- Rabelo, I., Rubio, K., & Silva, E. M. (2010). A Dor entre Atletas de Alto Rendimento. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 3(4), 79-97.
- Rangé, B. (2001). *Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais: Um Diálogo com a Psiquiatria*. Porto Alegre: Artmed.
- Reppold, C. T., Gurgel, L. G., & Hutz, C. S. (2014). O Processo de Construção de Escalas Psicométricas. *Avaliação Psicológica*, 13(2), 307-310.
- Ribeiro, C. Z. P., Akashi, P. M. H., Sacco, I. C. N., & Pedrinelli, A. (2003). Relação entre Alterações Posturais e Lesões do Aparelho Locomotor em Atletas de Futebol de Salão. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 9(2), 91-97.
- Rohlf, I. C. P. M., Carvalho, T., Rotta, T. M., & Krebs, R. J. (2004). Aplicação de Instrumentos de Avaliação de Estados de Humor na Detecção da Síndrome do Excesso de Treinamento. *Revista Brasileira de Medicina e Esporte*, 10(2), 111-116.
- Rohlf, I. C. P. M., Rotta, T. M., Luft, C. B., Andrade, A., Krebs, R. J., & Carvalho, T. (2008). A Escala de Humor de Brunel (Brums): Instrumento para Detecção Precoce da Síndrome do Excesso de Treinamento. *Revista Brasileira de Medicina e Esporte*, 14(3), 176-181.

- Román, S. T., & Savoia, M. G. (2003). Pensamentos Automáticos e Ansiedade num Grupo de Jogadores de Futebol de Campo. *Psicologia, Teoria e Prática*, 5(2), 13-22.
- Rubio, K. (2007). Da Psicologia do Esporte que Temos à Psicologia do Esporte que Queremos. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 1(1), 1-13.
- Ruiz, R., Vega, R., Poveda, J., Rosado A., & Serpa, S. (2012). Análisis psicométrico de la Escala de Resiliencia en el deporte del fútbol. *Revista de Psicología del Deporte*, 21(1), 143-151.
- Santos, F. M. C., & Ré, A. H. N. (2014). Características do Futsal e o Processo de Formação de Jogadores. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 6(19), 73-85.
- Sijtsma, K. (2009). On the use, the misuse, and the very limited usefulness of Cronbach's alpha. *Psychometrika*, 74(1), 107-120.
- Silva, A. M. B., Enumo, S. R. F., Afonso, R. M., Araújo, M. F., Luz, T. S. R., Carvalho, L. F., & Bittencourt, I. G. (2019). Questionário sobre Qualidade de Vida de Atletas: Adaptação e Evidências de Validade para Bailarinos. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 37(1), 121-131.
- Silva, A. M. B., Enumo, S. R. F., Bittencourt, I. G., Carvalho, L. F., Araújo, M. F., Afonso, R. M., & Luz, T. S. R. (2017). Adaptação e Estrutura Interna do Inventário de Ansiedade-Estado Competitiva (CSAI-2) para Bailarinos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 69(1), 19-32.
- Silva, A. M. B., Foch, G. F. L., Guimarães, C. A., & Enumo, S. R. F. (2014). Instrumentos Aplicados em Estudos Brasileiros em Psicologia do Esporte. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 5(2), 77-95.
- Silva, F. C. T. (2006). Futebol: Uma Paixão Coletiva. In *Memória Social dos Esportes: Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora.

- Souza, A. C., Alexandre, N. M. C., & Guirardello, E. B. (2017). Propriedades Psicométricas na Avaliação de Instrumentos: Avaliação da Confiabilidade e da Validade. *Epidemiologia, Serviço e Saúde*, 26(3), 649-659.
- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality Assessment of Ordered Polytomous Items with Parallel Analysis. *Psychological Methods*, 16, 209-220.
10.1037/a0023353
- Vaamonde, A. G. N., & Ruiz-Barquín, R. (2015). Adaptation of ISRA-B to performance football players. *Ansiedad y Estrés*, 21(1), 83-94.
- Vaamonde, A. G. N., & Villanueva, P. J. (2012). Departamento de Psicología del Club Atlético de Madrid: Filosofía, Programación y Desempeño Profesional en el Fútbol Base. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 12(1), 111-120.
- Valentini, F., & Damásio, B. F. (2016). Variância Média Extraída e Confiabilidade Composta: Indicadores de Precisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(2).
10.1590/0102-3772e322225
- Verzani, R. H., Morão, K. G., Bagni, G., Rebusini, F., & Machado, A. A. (2019). Propriedades Psicométricas do Questionário de Ambiente de Grupo. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 11(44), 399-408.
- Vieira, L. F., Nascimento, J. R. A., & Vieira, J. L. L. (2013). O Estado da Arte da Pesquisa em Psicologia do Esporte no Brasil. *Revista de Psicologia del Deporte*, 22(2), 501-507.
- Vosgerau, D. S. R., & Romanowski, J. P. (2014). Estudos de Revisão: Implicações Conceituais e Metodológicas. *Revista Diálogo Educacional*, 14(41), 165-189.
10.7213/dialogo.educ.14.041.DS08
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (2011). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício*. São Paulo: Santos.

- Widaman, K. F. (2007). Common factor versus components: Principals and principles, errors and misconceptions. In R. Cudeck, & R. C. MacCallum. *Factor Analysis at 100: Historical Developments and Future Directions* (pp. 177-204). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Wit, R., van Dam, F., Litjens, M., & Abu-Saad, H. H. (2001). Assessment of Pain Cognitions in Cancer Patients with Chronic Pain. *Journal of Pain and Symptom Management*, 22(5), 911-924.
- Wright, J. H., Basco, M. R., & Thase, M. E. (2008). *Aprendendo a terapia cognitivo-comportamental [recurso eletrônico]: um guia ilustrado*. Porto Alegre: Artmed.
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2008). *Terapia do esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Porto Alegre: Artmed.
- Zwick, W. R., & Velicer, W. F. (1986). Comparison of five rules for determining the number of components to retain. *Psychological Bulletin*, 99(3), 432-442.

Anexos

Anexo I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “Construção e Validação de Duas Escalas para Identificação de Pensamentos Automáticos em Jogadores de Futebol Profissional”, sob a responsabilidade do doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Daniel Vítor Gomes de Sousa e dos professores Dr^a. Angela Josefina Donato Oliva e Dr. José Augusto Evangelho Hernandez, docentes do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Este estudo tem por objetivo identificar pensamentos automáticos que podem interferir na prática esportiva de jogadores de futebol profissional.

Você foi selecionado(a) por ser jogador de futebol de uma equipe brasileira. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Os riscos aos quais você será submetido dizem respeito a um possível desconforto experimentado por relatar questões de sua vida particular, referentes à sua prática esportiva. Tais riscos buscarão ser minimizados pelo pesquisador, de modo que, se for identificado desconforto ou sofrimento relacionado às informações fornecidas nos instrumentos de pesquisa, você terá total liberdade para interromper o preenchimento dos mesmos. Como benefícios desta pesquisa você poderá ter maior conhecimento sobre tipos de pensamentos que podem diminuir ou aumentar sua performance esportiva. Além disso, caso tenha interesse, será feita a devolução dos resultados a partir dos instrumentos utilizados.

Sua participação na pesquisa não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes. Não haverá remuneração por sua participação na pesquisa, de modo que a mesma deverá ser realizada de forma voluntária. Entretanto, você poderá ser ressarcido de eventuais gastos decorrentes de sua participação, caso seja necessário, como, por exemplo, com o deslocamento. Você poderá também ser indenizado de eventuais danos que a pesquisa venha a causar. Ressalto também que você não é obrigado a participar da pesquisa, podendo interromper sua participação em qualquer momento de sua execução, sem que haja penalidades ou prejuízos decorrentes da sua recusa. Acima de tudo, o anonimato de sua identidade será resguardado durante todas as fases da pesquisa, inclusive após publicação dos resultados.

Para participar deste estudo você responderá em uma única sessão de aplicação um questionário de dados sociodemográficos, para o levantamento de variáveis pessoais relacionadas ao objetivo da pesquisa, tais como idade, gênero, time que joga, tempo de carreira, dentre outros, e questões sobre pensamentos que podem aparecer ao longo de sua prática esportiva no futebol. A coleta de dados será realizada por meio virtual através de um formulário *on-line* do Google docs disponibilizado em redes sociais. O tempo aproximado de resposta ao questionário é de 15 a 30 minutos.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos ou instituições participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável/coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos do pesquisador responsável: Daniel Vítor Gomes de Sousa, doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Endereço Institucional: Rua São Francisco Xavier, 524/10º andar, sala 10.009, bloco F – Maracanã, Rio de Janeiro, CEP 20550-013, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail pessoal: danielpsi2005@yahoo.com.br; E-mail institucional: ppgps.uerj@gmail.com. Telefone do pesquisador: (27) 99649 6746; Telefone Institucional: (21) 2334-0236 – Fax: (21) 2334-0216.

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. O CEP COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona às segundas, quartas e sextas-feiras, de 10h às 12h e 14h às 16h.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____.

Nome do(a) participante: _____ Assinatura: _____

Nome do(a) pesquisador: _____ Assinatura: _____

Anexo II - Questionário Sociodemográfico

- 1 Nome: _____
- 2 Idade: _____
- 3 Data de Nascimento: ____/____/____
- 4 Estado Civil: () Solteiro () Casado Divorciado ()
- 5 Tempo de Carreira: _____
- 6 Time que joga atualmente: _____
- 7 Divisão que o time atual joga:
() Série A () Série B () Série C () Série D
- 8 Cidade onde nasceu: _____
- 9 Cidade que reside: _____
- 10 Religião:
() Sem religião () Evangélico () Católico () Espírita
() Umbanda () Outros

**Anexo III - Versão Inicial da Escala de Pensamentos Automáticos em Jogadores de Futebol
(EPAJF)**

<u>Escala de Pensamentos Automáticos em Jogadores de Futebol (EPAJF)</u>						
Abaixo segue uma lista de vários tipos de pensamentos que podem aparecer durante sua prática esportiva como na preparação, durante e após as partidas. Leia atentamente cada um deles e assinale o quanto eles surgem na sua mente de acordo com a legenda abaixo: 1 – NUNCA 2 – POUCAS VEZES 3 – ÀS VEZES 4 – MUITAS VEZES 5 – SEMPRE						
FATOR 1: CATASTROFIZAÇÃO, POLARIZAÇÃO E ABSTRAÇÃO SELETIVA		NUNCA	POUCAS VEZES	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
1	Penso sempre que irei errar tudo na hora da prática esportiva	1	2	3	4	5
2	Não aceito errar nada do que tenha treinado muito	1	2	3	4	5
3	Acho que quando erro alguma coisa tudo dará errado depois	1	2	3	4	5
4	Quando não acerto o que treinei é certo que vou perder	1	2	3	4	5
5	Sempre acho que dará tudo errado um pouco antes da prática esportiva	1	2	3	4	5
6	Quando minha equipe está perdendo é impossível reverter a situação	1	2	3	4	5
7	Quando minha equipe perde eu sou sempre o culpado	1	2	3	4	5
8	Penso que todos ficarão irritados se minha equipe for derrotada	1	2	3	4	5
9	Quando encaramos um adversário difícil sempre penso que vamos perder	1	2	3	4	5
10	Quando jogamos com maioria da torcida contra acho que iremos perder	1	2	3	4	5
11	Acho que estamos sendo humilhados quando a torcida nos xinga	1	2	3	4	5
12	Minha equipe deve sempre estar bem fisicamente se não iremos fracassar	1	2	3	4	5
13	Se não treinar a semana toda não ajudarei minha equipe	1	2	3	4	5
14	Minha equipe deve sempre treinar muito se não iremos fracassar.	1	2	3	4	5
15	Perder uma partida significa que não treinei direito	1	2	3	4	5
16	Quando não estou concentrado sempre vou cometer um erro	1	2	3	4	5
17	Minha equipe deve competir com torcida a favor para ganharmos	1	2	3	4	5
18	Preciso acertar os movimentos na prática esportiva se não algo ruim vai acontecer	1	2	3	4	5
19	Quando meu treinador me chama a atenção acho que fiz tudo errado no treino	1	2	3	4	5
20	Acho que meu clube não oferece estrutura física para minha evolução esportiva	1	2	3	4	5
21	Quando minha família não apoia alguma decisão esportiva sinto como se não tivesse o apoio deles para nada na carreira profissional	1	2	3	4	5
22	Independente de quanto tenho acertado quando recebo uma crítica desconsidero o que fiz certo	1	2	3	4	5
FATOR 2: EMOCIONALIZAÇÃO E LEITURA MENTAL		NUNCA	POUCAS VEZES	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
23	Fico frustrado quando não faço tudo que posso durante uma competição	1	2	3	4	5
24	Sinto que ficarei triste se, minutos antes da competição, eu pensar que vou perder	1	2	3	4	5
25	Sinto que não estou evoluindo na minha prática esportiva	1	2	3	4	5
26	Sinto que estou fracassando nos meus treinos	1	2	3	4	5

27	Sinto que somos humilhados quando a torcida adversária me (nos) xinga	1	2	3	4	5
28	Sinto que não somos valorizados como equipe	1	2	3	4	5
29	Sinto que sou rejeitado pelo meu treinador	1	2	3	4	5
30	Quando fico ansioso fico sempre desconcentrado	1	2	3	4	5
31	Sinto que não posso fazer parte do time	1	2	3	4	5
32	Sinto que a culpa é minha quando o time perde	1	2	3	4	5
33	Acho que meus companheiros de time não me ajudam	1	2	3	4	5
34	Quando estou jogando mal acho que vou ser substituído pelo meu técnico	1	2	3	4	5
35	Temos que ganhar se não seremos avaliados negativamente.	1	2	3	4	5
36	Se não ganharmos perderemos a chance de receber o prêmio.	1	2	3	4	5
37	Se não ganharmos a torcida irá ficar insatisfeita	1	2	3	4	5
38	Se não ganharmos a imprensa irá criticar meu desempenho	1	2	3	4	5
39	Se não ganharmos seremos criticados pelos adversários	1	2	3	4	5
40	O técnico não gosta do meu estilo de jogo	1	2	3	4	5
41	A torcida não gosta do meu desempenho na minha atuação esportiva.	1	2	3	4	5
FATOR 3: ROTULAÇÃO, MAXIMIZAÇÃO E MINIMIZAÇÃO E IMPERATIVOS		NUNCA	POUCAS VEZES	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
42	Sou um atleta ruim	1	2	3	4	5
43	Meu time é inferior aos outros	1	2	3	4	5
44	Meu time não me ajuda na minha prática esportiva	1	2	3	4	5
45	Sou frustrado com minha carreira profissional	1	2	3	4	5
46	Quando eu erro é porque não tenho personalidade	1	2	3	4	5
47	Não consigo trazer bons resultados para minha equipe.	1	2	3	4	5
48	Meu time perde demais	1	2	3	4	5
49	Em situações de pressão penso que não seria meu dia de sorte	1	2	3	4	5
50	Se começar acertando durante treinos e jogos penso que vou jogar bem	1	2	3	4	5
51	Se erro duas vezes durante treinos e jogos penso que estou em uma fase ruim	1	2	3	4	5
52	Se erro muito no treino a chance do meu desempenho no jogo ser ruim é maior	1	2	3	4	5
53	Se jogar mal penso que estou em uma fase ruim	1	2	3	4	5
54	Deveria jogar em um time melhor	1	2	3	4	5
55	Preciso ganhar mais para ser um atleta mais valorizado	1	2	3	4	5
56	Tenho que ser vencedor para ser mais valorizado	1	2	3	4	5
57	Deveria nunca machucar para ser um atleta melhor	1	2	3	4	5
58	Tenho que jogar sempre sem dor física	1	2	3	4	5
59	Meu desempenho tem que sempre aumentar a chance do meu time ganhar	1	2	3	4	5
60	Tenho que mostrar que sou bom	1	2	3	4	5
61	Não posso errar para não prejudicar o time	1	2	3	4	5
62	Não posso errar porque tenho que ser melhor que o time	1	2	3	4	5
63	Preciso alcançar a perfeição da performance física	1	2	3	4	5
FATOR 1: DESCATASTROFIZAÇÃO, DESPOLARIZAÇÃO E ABSTRAÇÃO NÃO-SELETIVA		NUNCA	POUCAS VEZES	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
1	Mesmo que meu time perca muitos jogos eu percebo que estou evoluindo na minha prática esportiva	1	2	3	4	5
2	Perder uma partida não significa que não treinei forte durante a semana	1	2	3	4	5
3	Penso sempre que não irei errar tudo na hora da prática esportiva	1	2	3	4	5

4	Caso eu erre uma vez algo que tenha treinado muito posso tentar acertar em seguida	1	2	3	4	5
5	Quando erro alguma coisa isso não significa que tudo dará errado depois	1	2	3	4	5
6	Quando não acerto o que treinei não é certo que vou perder	1	2	3	4	5
7	Quando minha equipe está perdendo não deixo de acreditar que é possível reverter a situação	1	2	3	4	5
8	Quando minha equipe perde não acho que sou o único culpado	1	2	3	4	5
9	Se minha equipe for derrotada e muitos se irritarem depois nada disso me afetará	1	2	3	4	5
10	Quando encaramos um adversário difícil penso que não somos obrigados a vencer	1	2	3	4	5
11	Quando jogamos com maioria da torcida contra acho que me sinto mais motivado	1	2	3	4	5
12	Acho que estamos sendo incentivados quando a torcida adversária nos xinga	1	2	3	4	5
13	Quando perdermos mesmo com a equipe estando bem fisicamente outros fatores podem ter contribuído para a derrota	1	2	3	4	5
14	Se não treinar a semana toda ainda assim posso ajudar minha equipe de alguma forma	1	2	3	4	5
15	Minha equipe deve sempre treinar o necessário, mas isso não garante que iremos ganhar	1	2	3	4	5
16	Perder uma partida não significa que não treinei direito	1	2	3	4	5
17	A falta de concentração não resulta sempre em uma jogada errada	1	2	3	4	5
18	Minha equipe não precisa competir com torcida a favor para ganharmos	1	2	3	4	5
19	Mesmo que erre muito durante os treinos acho que estou jogando bem	1	2	3	4	5
20	Quando meu treinador me chama a atenção preciso prestar atenção apenas no que ele apontar de errado	1	2	3	4	5
21	Mesmo que meu clube não oferece estrutura física posso continuar crescendo profissionalmente	1	2	3	4	5
22	Mesmo quando minha família não concorda com minhas decisões esportivas sei que eles apoiam minha carreira	1	2	3	4	5
FATOR 2: RACIONALIZAÇÃO E LEITURA OBJETIVA		NUNCA	POUCAS VEZES	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
23	Sempre faço tudo que posso durante uma competição	1	2	3	4	5
24	Jamais penso que vou perder uma partida minutos antes da competição	1	2	3	4	5
25	Sinto que estou evoluindo na minha prática esportiva	1	2	3	4	5
26	Os erros que cometo durante o treino não significa que estou fracassando	1	2	3	4	5
27	Não me sinto humilhado quando a torcida adversária me (nos) xinga	1	2	3	4	5
28	Não sinto que minha equipe é desvalorizada	1	2	3	4	5
29	Não me sinto rejeitado pelo meu treinador	1	2	3	4	5
30	Não é verdade que quando fico ansioso fico sempre desconcentrado	1	2	3	4	5
31	Não me sinto rejeitado pelo meu time	1	2	3	4	5
32	Não me sinto como o único culpado quando meu time perde	1	2	3	4	5
33	Acho que meus companheiros de time me ajudam	1	2	3	4	5
34	Mesmo jogando mal sei que meu técnico e meus companheiros confiam no meu trabalho	1	2	3	4	5

35	Não acho que temos que ganhar somente para evitar avaliações negativas.	1	2	3	4	5
36	Não acho que temos a necessidade de ganhar somente para ganhar prêmios	1	2	3	4	5
37	Se não ganharmos é normal a torcida ficar insatisfeita	1	2	3	4	5
38	A crítica da imprensa sobre meu desempenho quando meu time perde não atrapalha de forma nenhuma	1	2	3	4	5
39	A crítica dos adversários ao meu time quando não ganhamos não me incomoda	1	2	3	4	5
40	O técnico e demais membros da comissão técnica fazem observações sobre minha prática esportiva para contribuírem com meu estilo de jogo	1	2	3	4	5
41	Quando acho que a torcida não gosta do meu desempenho na minha atuação esportiva fico mais motivado a melhorar como jogador	1	2	3	4	5
FATOR 3: RELATIVIZAÇÃO, VALORIZAÇÃO E DESCRIÇÃO		NUNCA	POUCAS VEZES	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
42	Sou um bom atleta	1	2	3	4	5
43	Meu time não é inferior a todos os outros times	1	2	3	4	5
44	Meu time me ajuda muito na minha prática esportiva	1	2	3	4	5
45	Sou realizado na minha carreira profissional	1	2	3	4	5
46	O erro faz parte da prática esportiva	1	2	3	4	5
47	Consigo contribuir muito para os bons resultados da minha equipe	1	2	3	4	5
48	Perder faz parte da prática esportiva	1	2	3	4	5
49	Em situações de pressão penso somente nas minhas ações esportivas	1	2	3	4	5
50	Quando começo uma partida ou treino jogando bem me mantenho focado em continuar jogando ou treinando bem	1	2	3	4	5
51	Ainda que comece jogando uma partida ou treino muito mal sei que tenho a chance de melhorar meu desempenho	1	2	3	4	5
52	Se erro muito no treino penso apenas em acertar mais no próximo treino	1	2	3	4	5
53	Jogar mal um jogo acontece com qualquer jogador	1	2	3	4	5
54	Estou satisfeito com o time em que jogo	1	2	3	4	5
55	Foco mais no meu desempenho esportivo do que na possibilidade de ganhar mais	1	2	3	4	5
56	Foco mais no meu desempenho esportivo do que no fato de me sentir valorizado como bom jogador	1	2	3	4	5
57	As contusões fazem parte da carreira esportiva	1	2	3	4	5
58	Na prática esportiva é normal sentir dores físicas	1	2	3	4	5
59	Meu desempenho esportivo tem que contribuir para o crescimento do meu time	1	2	3	4	5
60	Tenho que evoluir sempre como jogador profissional	1	2	3	4	5
61	Caso meu erro durante um treino ou numa partida prejudique o desempenho esportivo do meu time foco nas minhas ações futuras que podem contribuir com o time	1	2	3	4	5
62	Evitar o erro durante as partidas e treinos contribuem para a minha performance individual e do meu time	1	2	3	4	5
63	Preciso melhorar a cada dia minha performance física	1	2	3	4	5

**Anexo IV - Versão da Escala de Pensamentos Automáticos em Jogadores de Futebol
(EPAJF) após a Análise Fatorial Exploratória (AFE)**

<u>Escala de Pensamentos Automáticos em Jogadores de Futebol (EPAJF)</u>						
Abaixo segue uma lista de vários tipos de pensamentos que podem aparecer durante sua prática esportiva como na preparação, durante e após as partidas. Leia atentamente cada um deles e assinale o quanto eles surgem na sua mente de acordo com a legenda abaixo: 1 – NUNCA 2 – POUCAS VEZES 3 – ÀS VEZES 4 – MUITAS VEZES 5 – SEMPRE						
FATOR 1: VISÃO DE DESAMPARO		NUNCA	POUCAS VEZES	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
1	Temos que ganhar se não seremos avaliados negativamente	1	2	3	4	5
2	Se erro muito no treino a chance do meu desempenho no jogo ser ruim é maior	1	2	3	4	5
3	Se não ganharmos a torcida irá ficar insatisfeita	1	2	3	4	5
4	Tenho que ser vencedor para ser mais valorizado	1	2	3	4	5
5	Se não ganharmos a imprensa irá criticar meu desempenho	1	2	3	4	5
6	Meu desempenho tem que sempre aumentar a chance do meu time ganhar	1	2	3	4	5
7	Quando meu treinador me chama a atenção acho que fiz tudo errado no treino	1	2	3	4	5
FATOR 2: VISÃO DE VALORIZAÇÃO		NUNCA	POUCAS VEZES	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
8	Se minha equipe for derrotada e muitos se irritarem depois nada disso me afetará	1	2	3	4	5
9	Sou um bom atleta	1	2	3	4	5
10	Sou realizado na minha carreira profissional	1	2	3	4	5
11	Consigo contribuir muito para os bons resultados da minha equipe	1	2	3	4	5
FATOR 3: VISÃO RACIONAL		NUNCA	POUCAS VEZES	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
12	Perder faz parte da prática esportiva	1	2	3	4	5
13	Se erro muito no treino penso apenas em acertar mais no próximo treino	1	2	3	4	5
14	Jogar mal um jogo acontece com qualquer jogador	1	2	3	4	5
15	Mesmo que meu clube não oferece estrutura física posso continuar crescendo profissionalmente	1	2	3	4	5
FATOR 4: VISÃO DE DESESPERANÇA		NUNCA	POUCAS VEZES	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
16	Acho que quando erro alguma coisa tudo dará errado depois	1	2	3	4	5
17	Quando estou jogando mal acho que vou ser substituído pelo meu técnico	1	2	3	4	5
18	Quando minha equipe está perdendo é impossível reverter a situação	1	2	3	4	5
19	Se erro duas vezes durante os treinos e jogos penso que estou em uma fase ruim	1	2	3	4	5
20	Quando minha equipe perde eu sou sempre o culpado	1	2	3	4	5
21	Se jogo mal penso que estou em uma fase ruim	1	2	3	4	5
22	Quando encaramos um adversário difícil sempre penso que vamos perder	1	2	3	4	5

Anexo V - Parecer Consubstanciado do CEP

UERJ - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO;



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE DUAS ESCALAS PARA IDENTIFICAÇÃO DE PENSAMENTOS AUTOMÁTICOS EM JOGADORES DE FUTEBOL PROFISSIONAL

Pesquisador: DANIEL VITOR GOMES DE SOUSA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 42417220.2.0000.5282

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia da UERJ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.518.630

Apresentação do Projeto:

Segundo o pesquisador: "O futebol é um dos esportes mais populares do mundo atual e possui grande identificação cultural com o brasileiro. Dentre os diversos profissionais que trabalham no futebol encontra-se o psicólogo, que elabora programas de treinamento psicológico visando identificar habilidades cognitivas fundamentais para a performance do atleta e equilíbrio emocional. Nesse contexto, destaca-se a importância da avaliação psicológica como forma de detecção dos aspectos psicológicos que interferem no rendimento esportivo e que são a base para planejar e efetuar intervenções em Psicologia do Esporte. Alguns autores têm apontado a existência de poucos instrumentos para avaliação psicológica no esporte e isso dificulta a atuação do Psicólogo no Esporte, especialmente no futebol. A escassez de instrumentos validados para o contexto do esporte no Brasil é considerada um dos maiores desafios para a Psicologia do Esporte quanto à avaliação quantitativa. Medidas psicológicas que estão diretamente relacionadas ao rendimento podem fortalecer o trabalho do Psicólogo do Esporte em geral e no futebol, através do oferecimento de dados empíricos para subsidiar intervenções das comissões técnicas. Considerando esse cenário, o presente trabalho tem como objetivo conduzir um estudo sobre evidências de validade em duas escalas, uma sobre Pensamentos Automáticos Disfuncionais em Jogadores de Futebol e a outra sobre Pensamentos Automáticos Funcionais em Jogadores de Futebol. Ambas as escalas se apoiam no modelo cognitivo de Aaron Beck. Para realizar a análise de conteúdo das

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018

Bairro: Maracanã

CEP: 20.559-900

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2334-2180

Fax: (21)2334-2180

E-mail: etica@uerj.br

UERJ - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO;



Continuação do Parecer: 4.518.630

escalas, os itens das duas foram colados em um único documento e foi solicitado a três juízes especialistas que: 1) verificassem em uma análise quantitativa a) a adequação à categoria, b) clareza de linguagem, c) pertinência prática e relevância teórica dos itens; 2) em uma análise qualitativa sugerissem modificações que julgassem pertinentes para melhorar os itens. Em seguida, foi calculado o coeficiente de validade de conteúdo com

base na avaliação feita pelos juízes especialistas no questionário de análise de conteúdo – quantitativo. Após o cálculo do coeficiente foram identificados 58 itens com 80% de concordância entre juízes, indicando que estes podem ser mantidos. Na sequência do estudo, serão efetuados os procedimentos empíricos, que consistirão na aplicação do instrumento a uma amostra de 800 jogadores de futebol, tabulação e análise dos resultados, que será feita por Análise Fatorial Exploratória. Com os resultados desse estudo espera-se uma medida válida e fidedigna para sua posterior utilização nos processos de avaliação psicológica no futebol."

Objetivo da Pesquisa:

Segundo o pesquisador, o objetivo principal da pesquisa é: "Buscar evidências de validade de duas escalas de pensamentos automáticos em jogadores de futebol profissional."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Mencionam-se como riscos: "Possível desconforto experimentado pelo atleta por relatar questões de sua vida particular, referentes à sua prática esportiva.". Como benefícios: "Maior conhecimento por parte do atleta e profissionais que trabalham na preparação do futebol profissional sobre tipos de pensamentos que podem interferir diminuindo ou aumentando sua performance esportiva."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem embasada e a metodologia é compatível com as orientações da área.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A folha de rosto é apresentada, contendo assinaturas digitalizadas do pesquisador e da coordenadora do Programa de Pós-graduação do Instituto de Psicologia da UERJ. Cronograma se mostra factível e orçamento é apresentado. O TCLE está redigido na forma de convite e apresenta todos os itens necessários para se garantir a eticidade na pesquisa com seres humanos. Apresenta-se uma justificativa de ausência de TAI já que o recrutamento dos participantes da pesquisa, jogadores de times profissionais do Brasil, será conduzido via contacto pelas redes sociais.

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018

Bairro: Maracanã

CEP: 20.559-900

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2334-2180

Fax: (21)2334-2180

E-mail: etica@uerj.br

UERJ - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO;



Continuação do Parecer: 4.518.630

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Ante o exposto, a COEP deliberou pela aprovação do projeto, visto que não há implicações éticas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Faz-se necessário apresentar Relatório Anual - previsto para fevereiro de 2022. A COEP deverá ser informada de fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo, devendo o pesquisador apresentar justificativa, caso o projeto venha a ser interrompido e/ou os resultados não sejam publicados.

Tendo em vista a legislação vigente, o CEP recomenda ao(à) Pesquisador(a): Comunicar toda e qualquer alteração do projeto e/ou no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para análise das mudanças; informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa; o comitê de ética solicita a V.S.^a que encaminhe a esta comissão relatórios parciais de andamento a cada 06 (seis) meses da pesquisa e, ao término, encaminhe a esta comissão um sumário dos resultados do projeto; os dados individuais de todas as etapas da pesquisa devem ser mantidos em local seguro por 5 anos.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1362692.pdf	11/01/2021 21:40:51		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TAI.pdf	11/01/2021 21:36:23	DANIEL VITOR GOMES DE SOUSA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	11/01/2021 21:35:28	DANIEL VITOR GOMES DE SOUSA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_DV.pdf	11/01/2021 21:35:14	DANIEL VITOR GOMES DE SOUSA	Aceito
Folha de Rosto	Daniel_Vitor.pdf	14/12/2020 19:27:33	DANIEL VITOR GOMES DE SOUSA	Aceito

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018
 Bairro: Maracanã CEP: 20.559-900
 UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
 Telefone: (21)2334-2180 Fax: (21)2334-2180 E-mail: etica@uerj.br

UERJ - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO;



Continuação do Parecer: 4.518.630

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 01 de Fevereiro de 2021

Assinado por:

ALBA LUCIA CASTELO BRANCO
(Coordenador(a))

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ªand. SI 3018

Bairro: Maracanã

CEP: 20.559-900

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2334-2180

Fax: (21)2334-2180

E-mail: etica@uerj.br